



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde –
FACES Curso de Psicologia

**A Masculinidade Hegemônica e a Violência contra as Mulheres na Sociedade
Brasileira a partir da Perspectiva de Homens Jovens e de Psicólogos Clínicos**

Lorena Gosendo Noletto

Brasília

Julho de 2022



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES
Curso de Psicologia

**A Masculinidade Hegemônica e a Violência contra as Mulheres na Sociedade Brasileira
a partir da Perspectiva de Homens Jovens e de Psicólogos Clínicos**

Lorena Gosendo Noletto

Monografia apresentada à Faculdade de
Ciências da Educação e Saúde - FACES
como requisito parcial à conclusão do
Curso de Psicologia.

Professora-orientadora: Dra. Ana Flávia
do Amaral Madureira

Brasília

Julho de 2022



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES
Curso de Psicologia

Folha de Avaliação

Autora: Lorena Gosendo Noletto

Título: A Masculinidade Hegemônica e a Violência contra as Mulheres na Sociedade Brasileira a partir da Perspectiva de Homens Jovens e de Psicólogos Clínicos

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira – CEUB

Orientadora

Prof. Dr. Lucas Alves do Amaral – CEUB

Examinador

Profa. Ma. Fádua Helou - CEUB

Examinadora

Brasília

Julho de 2022

Agradecimentos

Gostaria de agradecer aos meus pais, Eliana e Eliézer, por sempre terem feito de tudo para conseguirem me proporcionar o melhor. Amo muito vocês.

Ao Paulo, por todo o apoio, companheirismo e carinho durante todo o tempo em que estamos juntos.

Ao Luli, por ser o meu companheiro durante o desenvolvimento dessa pesquisa. A toda minha família, em especial aos meus avós por todos os ensinamentos.

A Amanda, por ter trazido mais leveza e alegria para a minha vida durante esse período. Às minhas grandes amigas do curso, Gabriella, Luis Fernando, Maria Vitória e Milena por terem proporcionado ótimos momentos durante a graduação.

Às minhas amigas Anna, Beatriz, Isabela, Luíza, Maria Clara, Marina e Sofia por serem pessoas que eu sei que sempre posso contar.

À minha orientadora, Ana Flávia, por toda a dedicação, disponibilidade e ajuda durante o desenvolvimento deste trabalho.

Resumo

A presente pesquisa teve o objetivo de analisar com base na percepção de homens jovens e psicólogos clínicos, a relação entre a masculinidade hegemônica e a violência contra as mulheres. Foi utilizada como base teórica as contribuições da Psicologia Cultural, os estudos interdisciplinares sobre gênero e alguns conceitos da Gestalt-terapia. A pesquisa é inspirada na Epistemologia Qualitativa de González Rey. Foi realizado um encontro de grupo focal com homens universitários de idades entre 19 e 25 anos e duas entrevistas individuais com psicólogos clínicos. Foram construídas categorias analíticas temáticas com base no que foi falado pelos participantes durante as entrevistas. São elas: (a) Masculinidade Hegemônica e a Violência contra mulheres: o olhar de homens jovens; (b) Masculinidade Hegemônica e a Violência contra mulheres: o olhar de psicólogos clínicos e (c) A construção de outras masculinidades: sugestões dos participantes. Os resultados demonstraram que os homens são cobrados pela sociedade a demonstrarem comportamentos pautados na masculinidade hegemônica e essa cobrança pode vir a causar sofrimento psíquico e demonstração de práticas violentas. Entretanto, percebem que existem outras possibilidades de vivenciar as masculinidades. De acordo com os psicólogos clínicos, é essencial abordar a questão de gênero durante o período escolar. Além disso, é fundamental criar mais espaços de acolhimento para homens falarem sobre suas vivências e para as mulheres vítimas de violências, possibilitando a construção de relações sociais mais igualitárias.

Palavras-chave: masculinidade hegemônica; violência contra as mulheres; psicologia clínica.

Sumário

Introdução	1
Objetivo Geral.....	5
Objetivos Específicos.....	5
1. Contribuições da Psicologia Cultural.....	6
2. A Masculinidade Hegemônica em Discussão.....	11
3. Masculinidade no espaço psicoterápico: contribuições da Gestalt-terapia.....	20
4. Metodologia	26
4.1 Participantes	28
4.2 Materiais e Instrumentos	29
4.3 Procedimento de construção de informações.....	30
4.4 Procedimentos de análise.....	31
5. Resultados e Discussão	33
5.1 Masculinidade Hegemônica e violência contra as mulheres: o olhar de homens jovens.....	33
5.2 Masculinidade hegemônica e a violência contra mulheres: o olhar de psicólogos clínicos	41
5.3 A construção de outras masculinidades: sugestões dos participantes.....	49
Considerações Finais	57
Referências.....	60
Anexos	65
Anexo A.....	66
Anexo B	68
Anexo C	70
Anexo D.....	72
Anexo E	73

Introdução

Ainda hoje, mesmo que a sociedade brasileira esteja em constante mudança em termos sociais, culturais e tecnológicos, existe uma expectativa de que os homens devam ser “machos”, corajosos e fortes; e que as mulheres sejam bem-comportadas, delicadas e responsáveis pelo cuidado da casa e dos filhos. Esses estereótipos são fruto de crenças, valores e pensamentos tradicionais. Nesse sentido, pensar e, principalmente, vivenciar mudanças requer tempo e muita ação por parte da sociedade e do Estado.

A partir da segunda metade do século XX, passaram a ocorrer algumas mudanças significativas relacionadas às questões de gênero. O movimento feminista contribuiu para a conquista de diversos direitos por parte das mulheres (Madureira, 2010; Zanelo, 2018).

Dentre as mudanças, cabe destacar que as mulheres passaram, por exemplo, a frequentar os espaços que, antigamente, eram vistos como destinados apenas aos homens, ou a ocupar cargos com maiores salários nas empresas.

Concomitantemente, os indicadores de violência contra as mulheres crescem cada vez mais com o passar dos anos no Brasil. Em 2020, conforme divulgado pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos,¹ o Brasil teve 105.821 denúncias de casos relacionados a esse tipo de violência. Além disso, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública divulgou que uma mulher foi assassinada a cada 7 horas no nosso país no ano de 2020, com o registro de 1.350 casos de feminicídios no país durante o ano de 2020.

No Brasil, as mulheres sentem uma série de medos e inseguranças no seu dia a dia. Muitas vezes, ao andarem sozinhas na rua, as mulheres correm o risco de serem estupradas ou assediadas verbalmente, fisicamente ou moralmente. No Brasil, lamentavelmente, as

¹ <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/03/07/brasil-teve-105-mil-denuncias-de-violencia-contramulher-em-2020-pandemia-e-fator-diz-damares.ghtml>

mulheres vivem em constante estado de alerta e ansiedade, frequentemente com a sensação de que os casos noticiados diariamente possam vir a acontecer a qualquer momento com elas.

Esse medo é formado por uma carga retroativa, conforme o conceito de Norbert Elias apresentado por Brandão (2005), o qual se refere a um sentimento composto por lembranças que existem na memória coletiva relativas a acontecimentos ocorridos no passado; a partir dessas memórias e de como elas foram internalizadas pelo indivíduo, há uma forma de orientação com relação à comportamentos futuros.

Portanto, os medos sentidos pelas mulheres estão relacionados com os inúmeros exemplos de casos de violência contra as mulheres que são noticiados diariamente na nossa sociedade e a capacidade de previsão de que estes podem vir a acontecer com elas algum dia. As mulheres estão, dessa forma, em constante estado de alerta, experimentando sensações de medo, ansiedade e insegurança.

Em um primeiro momento, é preciso estudar os aspectos estruturais da sociedade brasileira (Madureira & Fonseca, 2020), com o objetivo de prevenir a ocorrência das violências no futuro, Madureira e Fonseca (2020) destacam a importância da abordagem do tema relacionado à violência no contexto escolar.

É preciso, ainda, compreender o conceito de sexismo. Para isso, segundo Myers (2014), é extremamente importante ter como base os conceitos de preconceito e de discriminação. Para o autor, o preconceito é uma atitude carregada de sentimentos que se vincula às crenças individuais e que, de certa forma expressa uma orientação à ação. Ainda segundo a definição de Myers (2014), a discriminação é caracterizada como um comportamento negativo sem justificativa com relação a um grupo ou a um indivíduo, sendo observado através de julgamentos negativos. Cabe mencionar que não necessariamente o preconceito será transmitido por meio de comportamentos discriminatórios.

De forma mais específica, ou seja, com o foco voltado para o sexismo, é possível constatar que o preconceito com relação à identidade de gênero de determinada pessoa pode ser propagado em diversas situações sociais. Como exemplo, podemos citar a criação de uma criança e as ideias que são transmitidas a ela por parte de diferentes instituições sociais, como as escolas, as famílias e os veículos de comunicação (Myers, 2014).

Nesse cenário, todos os indivíduos estão sujeitos, mesmo que de forma não intencional, a disseminarem os estereótipos de gênero nas suas práticas cotidianas. Na busca, por exemplo, por corresponder à masculinidade hegemônica, que corresponde ao padrão de comportamentos sobre como os homens “devem” agir em sociedade (Welzer-Lang, 2001), alguns homens podem vir a demonstrar atos intransigentes, violentos e abusivos contra mulheres, outros homens ou até contra si mesmo. Esses comportamentos tendem a ser repetidos em diversas ocasiões, naturalizando-se na vida da pessoa e nos seus relacionamentos cotidianos.

A partir do momento em que os indivíduos agem de maneira diferente dos estereótipos de gênero difundidos pela sociedade, eles são, muitas vezes, punidos por meio de julgamentos ou até violência física. Dentro desse contexto que envolve vários mecanismos de canalização cultural os quais de uma forma geral, orientam, por exemplo, os comportamentos, pensamentos e sentimentos das pessoas (Valsiner, 2012), observam-se situações geradoras de sofrimento psíquico nos indivíduos, pressionados a agirem conforme o esperado e, em algumas ocasiões, por não cumprirem com as expectativas sociais. Conforme divulgado na pesquisa do Centro de Referência de Saúde do Homem de São Paulo (2015)², os homens tendem a demorar mais a procurarem um serviço médico e 60% chegam ao médico com a doença em estágio avançado por não terem feito consultas preventivas. Esses

² Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2015/03/homens-fazem-menos-prevencao-de-doencas-do-que-mulheres.html>

indicadores preocupantes demonstram a importância que é, muitas vezes, atribuída aos estereótipos de gênero que reforçam a concepção problemática, em vários sentidos, de que os homens não possuem fragilidades e vulnerabilidades.

É importante salientar que ninguém nasce com as suas características pessoais “prontas”, sendo possível que alguns significados sejam redefinidos durante o desenvolvimento da pessoa no decorrer do curso da vida. Nesse contexto, os processos educacionais são valiosos e transformadores, possibilitando a construção de um ser humano que seja respeitado em suas necessidades, desejos e possibilidades. Por esse motivo, estudar essa temática possibilita que as concepções e os comportamentos sejam ressignificados e contribuam para a formação de uma sociedade pacífica, em que homens e mulheres possam coexistir de forma harmoniosa e respeitosa.

Conforme Yoshioka (2018) aponta em sua pesquisa, a qual foi realizada um grupo focal com homens jovens e que teve o objetivo de analisar como as masculinidades estão relacionadas com o contexto de violência, é extremamente importante investir em estudos sobre os homens, tendo em vista as repercussões dessa temática no que se refere às relações entre os gêneros. Dessa forma, torna-se essencial analisarmos os pensamentos de homens para encontrar a melhor maneira de sensibilizá-los e, assim, contribuir com a construção de novos significados em relação à masculinidade.

Diante da problemática exposta anteriormente, é fundamental analisar e buscar responder o seguinte problema de pesquisa: como se constitui a relação entre os valores ancorados na masculinidade hegemônica e o crescente número de casos de violência contra as mulheres?

O desenvolvimento de pesquisas sobre a violência contra as mulheres é, por consequência, de suma relevância, ao gerar conhecimentos que possam subsidiar políticas públicas voltadas à proteção e valorização das mulheres, além dos seus impactos na área

social, que convergem na direção da resignificação de aspectos estruturantes da masculinidade hegemônica. Conforme enfatizado por Connell, Messerschmidt e Fernandes (2013), o número de estudos realizados sobre o tema da masculinidade é cada vez maior e contribuem significativamente no âmbito escolar, organizacional e na área de saúde.

Com base no problema de pesquisa delimitado, será apresentada, a seguir, a fundamentação teórica, que foi dividida em três seções teóricas distintas a fim de facilitar a compreensão das informações. São elas: Contribuições da Psicologia Cultural; Masculinidade Hegemônica e Masculinidade no espaço psicoterápico: Contribuições da Gestalt-terapia.

Posteriormente, será apresentada a seção metodológica em que será descrito como a pesquisa foi realizada. Em seguida, a seção de resultados e discussão, no qual serão apresentados e discutidos os principais resultados da pesquisa. Finalizando o trabalho com as considerações finais.

Objetivo Geral

Analisar as relações entre a masculinidade hegemônica e a violência contra as mulheres no Brasil, com base na percepção de homens jovens.

Objetivos Específicos

- Analisar como a masculinidade hegemônica e a violência contra as mulheres na sociedade brasileira são percebidas pelos participantes;
- Investigar os relatos de psicólogos clínicos sobre os casos de violência contra as mulheres.

1. Contribuições da Psicologia Cultural

O ser humano, para a Psicologia Cultural, está sempre construindo significados para suas experiências (Valsiner, 2012). De acordo com Valsiner (2012), o meio cultural em que a pessoa está inserida é um aspecto muito importante que deve ser considerado na constituição do desenvolvimento psicológico dos indivíduos, sendo a cultura considerada como uma parte do sistema psicológico dos indivíduos e “desempenha algum papel funcional dentro dele” (Valsiner, 2012, p. 28). Sendo assim, os signos operam como instrumentos psicológicos, organizando o pensamento, a ação e os sentimentos, cumprindo uma função no sistema psicológico dos indivíduos (Valsiner, 2012).

A análise dos aspectos relacionados ao contexto histórico, cultural, social e a maneira que são atribuídos os significados para as vivências humanas contribui, portanto, na compreensão, de forma mais específica, dos processos relativos à formação das identidades de gênero.

Nesse sentido, cabe destacar que “nós, seres humanos, somos construtores compulsivos de significados” (Valsiner, 2014 citado por Madureira & Fonseca, 2020 p. 99) Tendo como base a Psicologia Cultural, a linguagem é considerada de fundamental importância para que ocorram os processos de comunicação, possibilitando a interação entre as pessoas na sociedade. Além disso, é uma “ferramenta semiótica no sistema intrapsicológico da pessoa” (Valsiner, 2012, p. 29), promovendo a construção e a organização de seus pensamentos, sentimentos e ações e, em um sentido mais amplo, questões relativas aos processos de significação. Ou seja, os processos relativos à construção de significados.

Para Madureira e Branco (2005), “a cultura engloba tanto uma dimensão material, cristalizada nos produtos culturais, como uma dimensão simbólica, mais fluida, presente nos processos culturais de significação do mundo e de si mesma” (Madureira & Branco, 2005,

p.101). Desse modo, é a cultura que torna possível a construção de significados e fornece as ferramentas necessárias para nós, seres humanos, lidarmos com a realidade, não só de forma concreta, mas também (e especialmente) de forma abstrata, através do uso de signos (Madureira & Branco, 2005).

De acordo com Valsiner (2012), não há desenvolvimento tipicamente humano fora da cultura, assim como a formação da cultura também é influenciada pelas características dos grupos sociais. A cultura apresenta diversos mecanismos de canalização, os quais orientam as maneiras de pensar, sentir e se comportar dos indivíduos. Além disso, é importante destacar que é preferível utilizar o conceito de canalização cultural em vez do conceito de determinação cultural, pois a Psicologia Cultural destaca o papel ativo dos indivíduos na internalização dos valores, crenças e costumes (Madureira & Branco, 2015).

Tendo em vista que a cultura é diversa e constantemente transformada no convívio em sociedade, não se deve pensar nela como possuindo características cristalizadas que impõem determinados valores, pensamentos e crenças aos indivíduos (Holanda, 2020). Nesse sentido, conforme destaca Holanda (2020), não faria sentido analisar a masculinidade hegemônica a partir de uma visão reducionista e estática da cultura, como se a mesma fosse formada por características homogêneas e imutáveis. A partir do conceito de canalização cultural e destacando o papel ativo dos indivíduos, é possível traçar estratégias com relação aos padrões de masculinidade estabelecidos que causam muitas consequências no contexto social (Holanda, 2020).

Com relação às transformações surgidas nos contextos culturais, Laraia (2002) enfatiza a relevância de se pensar nas mudanças para que não surjam atitudes preconceituosas e práticas discriminatórias em relação ao que surge de novo dentro do contexto cultural em que o indivíduo está inserido. Em seu livro, o autor cita alguns exemplos de costumes e visões que se alteraram no passar dos últimos 40 anos. Dentre os exemplos citados na obra de

Laraia (2002), o autor sinaliza as mudanças que ocorreram nas relações de gênero nas últimas décadas. Essas mudanças foram possíveis de ocorrer pelo fato de que as gerações passadas de mulheres enfrentaram comentários e críticas negativas até que determinados comportamentos e atitudes se tornassem comuns no cotidiano.

Como um dos exemplos relacionados às mudanças que ocorrem no interior da cultura e os impactos na vida das mulheres, Laraia (2002) comenta sobre uma pesquisa que foi realizada na década de 1970 no Brasil sobre a vida sexual das mulheres. Os resultados da pesquisa demonstraram que havia uma grande parcela de mulheres que não agia de acordo com os padrões sociais da época, tendo relações sexuais antes de se casarem e com parceiros que não eram os seus maridos. A partir desse resultado, a edição da revista foi confiscada e cancelada. Após alguns anos, a pesquisa foi repetida e demonstrou resultados com índices mais altos do que anteriormente e a população não se alarmou com os resultados. Assim, a revista, nesse segundo momento, continuou em circulação normalmente.

Para auxiliar na compreensão da relação entre os conceitos de cultura e identidade, Yoshioka (2018) apresenta uma metáfora inspirada nas contribuições do filósofo Heráclito de Éfeso. A metáfora utilizada pela autora é apresentada a seguir:

Há um grande rio (cultura) e neste transitam vários barcos, entre eles o barco da “identidade”. Ao longo da viagem, que entenderemos como a construção e o desenvolvimento das sociedades, percebemos que da mesma forma que o rio e as suas águas não são as mesmas, o barco (identidade) também não é, ele foi marcado pelas transformações deste rio (cultura) (Yoshioka, 2018 p, 9).

Logo, compreende-se que os processos identitários dos indivíduos são afetados pelas constantes mudanças sofridas na cultura. Tendo em vista o aumento do acesso às informações na atualidade, como consequência da globalização, as pessoas tiveram um maior contato com novas identidades (Moreira & Câmara, 2013). A partir desse momento, a visão de que a

identidade era equivalente à “essência” do indivíduo passa a ser criticada e questionada (Holanda, 2020).

Nesse sentido, tendo como base as significações culturais dentro de um grupo social, o conceito de identidade se relaciona com os papéis que cada indivíduo assume dentro desse contexto (Madureira & Branco, 2007). Em outras palavras, a partir da convivência com os diferentes grupos em que a pessoa estabelece algum tipo de relação em sua vida, vão se criando elos que são importantes para a formação da identidade. De acordo com Madureira e Branco (2012), as pessoas são constituídas por múltiplas identidades sociais.

Dessa forma, a formação dos processos identitários envolvem as identidades pessoais e as identidades sociais (Madureira & Branco, 2012). A identidade pessoal diz respeito a percepção de unicidade de cada indivíduo e as identidades sociais vão na direção dos elos comentada anteriormente, em que são constituídas pelos vínculos de pertencimento em relação a diferentes grupos. Esses elos são importantes nas múltiplas identidades sociais que nos constituem, em termos de gênero e sexualidade (Madureira & Branco, 2012).

Então, o convívio social é fundamental para a construção da identidade, que pode ser transformada com o passar do tempo (Moreira & Câmara, 2013). Quando uma pessoa se identifica com determinados símbolos de um grupo, a tendência é de que sejam desconsiderados outros grupos que possuem simbolizações distintas. Por conseguinte, outra característica do conceito de identidade é que ela também é formada pelas diferenças (Holanda, 2020).

Sobre a formação das identidades de gênero, a cultura e as relações sociais cotidianas também deixam marcas em sua formação (Louro, 2021). Nesse sentido, algumas ações são colocadas em prática e estimuladas ao longo da vida de uma pessoa. Pautada no determinismo biológico, essas ações evidenciam a distinção entre os sexos feminino e masculino, e muitas vezes quando uma pessoa age de forma diferente do que é socialmente

“esperado”, muitas vezes, observam-se atitudes preconceituosas. Nesse sentido, de certa forma, as identidades sociais têm conexão com o fenômeno do preconceito.

Os preconceitos observados na sociedade possuem uma origem cultural, ou seja, não são invenções isoladas de indivíduos (Madureira & Branco, 2012). O preconceito, segundo Myers (2014), é fundamentado em estereótipos negativos socialmente construídos. Os estereótipos negativos são crenças que generalizam, por meio da linguagem, determinada pessoa ou grupo como sendo reduzido a somente uma característica negativa. Nesse contexto, observa-se com frequência na sociedade a propagação de estereótipos de gênero. Conforme Myers (2014) discute, as pessoas estão acostumadas a escutarem falas que expressam estereótipos e, muitas vezes, acabam por aceitá-los e propagá-los em seu dia a dia.

Nesse sentido, cabe mencionar que o sexismo pode ser entendido como o conjunto de “atitudes preconceituosas e comportamentos discriminatórios de um indivíduo para com as pessoas de determinado sexo ou práticas institucionais (mesmo que não motivadas por preconceito) que subordinam pessoas de determinado sexo” (Myers, 2014 p. 248).

Madureira e Fonseca (2020) afirmam que uma das formas do sexismo está relacionado com as expectativas formuladas sobre como deve ser o comportamento de homens e mulheres. Quando uma pessoa não age conforme os estereótipos de gênero ancorados no sistema binário, observa-se, frequentemente, um quadro de sofrimento vivenciado pela pessoa, que é vista como “diferente”, sendo esse sofrimento advindo da intolerância da sociedade com o que é considerado como “diferente”. Essa característica desencadeia mecanismos de normatização do sujeito que acionam práticas discriminatórias na direção da exclusão.

2. A Masculinidade Hegemônica em Discussão

O movimento feminista sempre caminhou no sentido de conquistar direitos iguais entre homens e mulheres (Piscitelli, 2009; Louro, 2021). Foi a partir desse movimento que se construiu o conceito de gênero voltado para a esfera social (Piscitelli, 2009; Louro, 2021; Holanda, 2020; Zanello, 2018). Holanda (2020) apresenta em sua Dissertação de Mestrado uma análise histórica sobre a construção do conceito de gênero e enfatiza a relevância do estudo aprofundado sobre o tema, tendo em vista que “serve como uma categoria analítica e política (Holanda, 2020, p. 28).”

O foco nos estudos de gênero possibilitou o desenvolvimento de pesquisas sobre masculinidade e feminilidade (Holanda, 2020). No presente trabalho, será discutido sobre a masculinidade hegemônica. A masculinidade hegemônica é pautada em dois tipos de preconceito. São eles: o sexismo e a homofobia (Holanda, 2020; Oliveira, 1998; Welzer-Lang, 2001; Yoshioka, 2018). O senso comum costuma reproduzir o padrão da masculinidade hegemônica, influenciando significativamente nos comportamentos das pessoas (Holanda, 2020).

Welzer-Lang (2001) denomina duplo paradigma naturalista o que observa nas relações entre homens, mulheres e também entre os próprios homens, sendo esse paradigma baseado na manutenção da dominação do gênero masculino sobre o feminino. Assim, a masculinidade hegemônica reforça o sexismo. Outra característica relacionada ao conceito da masculinidade hegemônica é a de que só é considerado como “normal” ser heterossexual (Wellzer-Lang, 2001) reforçando, também, a homofobia nas práticas cotidianas.

Esse fenômeno é denominado por Bourdieu (2021) como violência simbólica. As características masculinas são vistas como dominantes em relação as femininas. Portanto, os indivíduos que demonstram comportamentos que não condizem com o que seria socialmente

esperado pelo seu gênero, são vistos como diferentes e são, frequentemente, passíveis de correção (Louro, 2021).

Para entendermos o conceito de masculinidade hegemônica, é importante mencionar o estudo de Connel, Messerschmidt e Fernandes (2013) que aponta que ela “foi entendida como um padrão de práticas (*i.e.*, coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse” (Connel, Messerschmidt & Fernandes, 2013 p. 245). Em seu estudo, os autores enfatizam que o conceito de masculinidade hegemônica não deve ser considerado como parte da “essência” do homem.

De acordo com Oliveira (1998), a masculinidade hegemônica é caracterizada pelo pensamento de que homens e mulheres devem agir de formas diferentes, tendo a postura masculina uma visão de superioridade em relação às demais, sendo a independência e a confiança em si mesmo fundamentais em suas ações. Na masculinidade hegemônica, observa-se um padrão de comportamentos relacionados a como os homens devem falar, sentir e pensar (Connel e Messerschmidt, 2005).

Considerando a existência de diferentes contextos sociais e formas de relação entre os gêneros, a masculinidade pode ser vivenciada de formas distintas, sendo essencial a compreensão de que ela não é representada por características fixas e imutáveis (Connel, Messerschmidt & Fernandes, 2013). Nesse sentido, ela possui vários significados. “Conseqüentemente, a “masculinidade” representa não um tipo determinado de homem, mas, em vez disso, uma forma como os homens se posicionam através de práticas discursivas” (Connel, Messerschmidt & Fernandes, 2013).

A conquista da masculinidade é um aspecto que os homens estão buscando constantemente. Por outro lado, quando o foco é a feminilidade, ela é caracterizada como sendo pertencente à (suposta) essência da mulher. Nesse sentido, é um “componente natural e

exclusivo] da mulher”, reafirmada nas experiências de gravidez e nos partos (Badinter, 1995; Almeida, 1995. Citados por Junqueira, 2009 p. 20).

No contexto da conquista da masculinidade, conforme é discutido por Welzer-Lang (2001), quando homens se comportam de acordo com o padrão que a sociedade considera como tipicamente feminino, eles são vistos como se fossem “menos homens”. Com isto, os homens são, frequentemente, socializados de modo a não demonstrarem vulnerabilidades, choros e medos e acabam mantendo um certo afastamento dessas atitudes (Welzer-Lang, 2001), pois o que se espera é que os homens demonstrem força, aspereza e um distanciamento de comportamentos que se relacionam com o sensível, culturalmente associado à feminilidade. O tabu da feminilização é decorrente da dominação masculina, em que os homens são vistos como dominantes e com poder em relação ao feminino que é visto com características inferiores (Bourdieu, 2005).

Além de ser pautada em visões sexistas, pode-se afirmar que uma das estruturas que sustentam a masculinidade hegemônica está relacionada à homofobia, uma vez que são discriminadas as pessoas que agem de maneira diferente do que está inserido nas fronteiras simbólicas do que é socialmente “esperado” em relação ao comportamento das pessoas do gênero masculino. Nessa visão, a partir do momento em que os homens demonstram seus sentimentos, vulnerabilidades e amor por outros homens, são vistos como fracos e “femininos” e, por esse motivo, são reprimidos e tendem a se mostrarem sempre “fortes” (Wellzer-Lang, 2001).

Muitas vezes, os homens buscam afirmar sua masculinidade por meio do corpo musculoso. A preocupação masculina com relação ao corpo aumentou à medida que as conquistas femininas foram ganhando destaque na sociedade e que muitos homens passaram a sentir sua masculinidade ameaçada (Falcão, 2007).

De acordo com Ribeiro (2016), muitos padrões de como deve ser o “corpo ideal” estão relacionados ao gênero feminino. Nesse sentido, as mulheres, atualmente, ainda são constantemente vistas como posse de um homem e de uma maneira sexualizada. Tendo como base os estereótipos de gênero, acredita-se que faz parte da (suposta) natureza da mulher ser delicada e sensível. Como já mencionado, o gênero feminino é, tradicionalmente, visto como “inferior” ao masculino (Louro, 2021; Zanello, 2018).

Em seu artigo, Loponte (2002) analisa questões de gênero e sexualidade no âmbito das artes visuais. A autora discute sobre a visão da transformação do corpo das mulheres em objetos visuais, com o objetivo de agradar aos homens, percebendo-se nessa transformação, a constante presença da objetificação das mulheres, fenômeno que é prejudicial às mesmas.

Como os homens, muitas vezes, se veem como seres superiores, acreditam que as mulheres e seus corpos estão à sua disposição (Loponte, 2002), fato esse que abre portas para práticas violentas contra as mulheres.

A autora Zanello (2018) discute em sua obra que as mulheres eram vistas como sendo opostas à figura masculina e menos desenvolvidas que eles. De forma mais específica, desde a Grécia Antiga, acreditava-se que tendo em vista os aspectos biológicos do corpo da mulher, ela era considerada como um homem imperfeito. Nesse sentido, os órgãos sexuais dos homens e das mulheres eram vistos como similares, entretanto, a visão baseava-se na percepção de que o órgão genital da mulher era um pênis para dentro do corpo (Laqueur, 2001 citado por Zanello, 2018). Nesse contexto, o homem tinha um papel de destaque. Ele impunha suas vontades e era dono de terras, mulheres e filhos. Os homens eram considerados o padrão de perfeição e, como consequência, as mulheres eram sempre comparadas a eles (Laqueur citado por Zanello, 2018).

Após a ascensão do capitalismo e as mudanças políticas e sociais ocorridas, as mulheres e os homens passaram a ser vistos pela sociedade como sendo opostos e, por

consequente, com responsabilidades e características distintas (Zanelo, 2018). Contudo, mantendo o sexismo presente na vida das mulheres. Nesse contexto, as mulheres foram voltadas para a esfera privada e os homens para a esfera pública (Zanelo, 2018). Estes padrões sociais construídos, a partir de atitudes preconceituosas, colocam as pessoas e grupos sociais em "caixinhas", criando rótulos que reforçam os estereótipos de gênero.

O modelo de gênero binário heteronormativo, que perpassa a sociedade em que vivemos, preconiza que apenas os relacionamentos heterossexuais são “normais”, marginalizando todas as demais orientações sexuais. Estas crenças e valores vão definindo e reforçando um padrão de dominação/submissão nas relações entre homens e mulheres em diversas culturas (Junqueira, 2009). Uma cultura que valida os comportamentos machistas, em que os homens formam a sua identidade masculina, incorpora a violência como manifestação legítima da masculinidade (Ribeiro, 2016). E estes valores estão presentes na educação desde os primeiros anos de vida, na fala dos pais, como, por exemplo: "menino não chora".

Essa manifestação da violência é decorrente do “tabu da feminilização” (Bourdieu, 2021), o qual pode ser entendido como uma aversão à demonstração de comportamentos relacionados ao feminino. Como discutido anteriormente, pode-se perceber falas que reforçam a homofobia e o sexismo sendo transmitidas para crianças. Portanto, Holanda (2020) reforça a importância de ser estudado no ambiente escolar o impacto e as consequências dessas práticas com o objetivo de avançarmos na desconstrução dos preconceitos (Holanda, 2020).

Dessa forma, cabe analisarmos esses aspectos no contexto escolar. Madureira e Branco (2015) realizaram uma pesquisa com o objetivo de investigar as concepções e crenças de professores/as do Ensino Fundamental II, que atuavam em diferentes escolas públicas no Distrito Federal, sobre questões de gênero, sexualidade e diversidade. A pesquisa foi

realizada em duas etapas. Primeiramente, foi aplicado um questionário que foi respondido por 122 professores/as. Na segunda etapa, foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas e encontros de grupos focais com professores/as de duas escolas que haviam colaborado com a primeira etapa do estudo. Participaram 10 professores/as da segunda etapa da pesquisa.

Em alguns relatos apresentados na pesquisa de campo realizada, observou-se uma visão essencialista, expressa no pensamento de que o fato de o homem não se responsabilizar pelas tarefas domésticas, seria justificado pela concepção de que eles “são desse jeito”, como uma suposta essência masculina (Madureira & Branco, 2015). Nesse contexto, observa-se que as mulheres cumprem significativas jornadas de trabalho fora e dentro de suas casas, tendo que trabalhar durante o dia e ainda cuidar dos filhos e das tarefas domésticas, sendo destacado por Madureira e Branco (2015) a importância da promoção de mudanças significativas também na esfera privada da vida das mulheres, o qual é um espaço em que as mulheres são incentivadas a ocuparem (Piscitelli, 2009).

Dessa forma, Piscitelli (2009) discute a delimitação de espaços que é observada na sociedade de acordo com cada gênero. De acordo com a autora, “A capacidade de conceber filhos e dar à luz contribui para que a principal atividade atribuída às mulheres seja a maternidade” (Piscitelli, 2009, p. 118). Nesse sentido, reforça de forma crítica a cobrança de que é somente responsabilidade delas realizar as tarefas domésticas e cuidar da família.

Enquanto na masculinidade hegemônica, uma das cobranças relacionadas aos homens é que eles devem ter sucesso profissional (Oliveira, 1998; Holanda, 2020). Portanto, observa-se uma desigualdade na ocupação de espaços públicos entre os dois gêneros.

Em termos históricos, para compreender a relação entre os gêneros no Brasil patriarcal, Parker (1991) faz uma análise relacionada ao período do Brasil colonial tornando essencial relacionar essa relação ao simbolismo da violência (Parker, 1991). Chauí (2017)

conceitua a violência como sendo um fenômeno complexo e composto por amplos aspectos que pode ser demonstrada na “presença da ferocidade nas relações com o outro enquanto outro ou por ser um outro” (Chauí, 2017, p. 36). Tendo como base esse conceito, em linhas gerais, a violência envolve a desumanização do outro, o não reconhecimento da sua humanidade, fazendo com que o indivíduo seja tratado como se não fosse humano e sim um objeto. A partir da crença de que este “objeto”, a mulher, é propriedade do homem, inúmeras atrocidades são cometidas, inclusive com a justificativa de muito amor por este "objeto".

Dessa forma, Minayo e Souza (1999) discutem, no campo da saúde pública, os desafios da prevenção da violência. A prática da violência pode ser observada diariamente nas esferas pessoais, culturais, sociais e políticas e provoca consequências preocupantes nas relações interpessoais e nos comportamentos cotidianos das pessoas. Portanto, destaca-se a importância de estudar o fenômeno da violência na Psicologia. Para tanto, a seguir serão apresentadas brevemente algumas contribuições da Psicanálise Freudiana.

As autoras Minayo e Souza (1999) apontam a dificuldade de se definir o conceito da violência e citam diversos estudiosos que interpretaram o fenômeno. Freud (1980 citado por Minayo & Souza, 1999), utilizou, muitas vezes, o fenômeno da violência como sinônimo do conceito de agressividade. Para ele, as ações violentas estavam relacionadas à “agressividade instintiva do ser humano” (Minayo & Souza, 1999, p. 11). Em um segundo momento, a interpretou como sendo um mecanismo para lidar com situações em que haja conflito de interesse, podendo ser observada, principalmente, em momentos em que haja competições entre as pessoas (Freud, 1980 citado por Minayo & Souza, 1999).

Os preconceitos aparecem, muitas vezes, em relações em que são marcadas por conflitos interpessoais. Podemos pensar em um exemplo de uma situação em que o homem não acha adequada a roupa que sua mulher está usando. O conflito é estabelecido quando o homem se utiliza de palavras ofensivas para se direcionar à mulher. Nesse contexto, o

sexismo emerge de forma evidente, com os homens se vendo como superiores e utilizando-se da violência para resolverem conflitos com as suas namoradas/esposas.

Por fim, Freud citado por Minayo e Souza (1999) acreditava que as relações na sociedade ocorriam pela “identidade de interesses”. A partir dessas identidades, os indivíduos se conectavam e se relacionavam com quem se identificavam na sociedade, possibilitando a criação de vínculo entre as pessoas. Nesse contexto, seria função das leis intervir em situações em que ocorressem divergências de interesses (Minayo & Souza, 1999).

Cabe destacar que, lamentavelmente, altos índices de violências são noticiados no noticiário brasileiro. Entretanto, Chauí (2017) aponta para o fato de que, muitas vezes, os brasileiros não reconhecem a ocorrência preocupante desse fenômeno e não consideram o país como sendo marcado por práticas violentas. Em outras palavras, muitas vezes, as pessoas não reconhecem a violência racista, homofóbica, sexista. Há uma forte associação da violência relacionada à criminalidade no Brasil. Porém, a violência transcende a criminalidade (Chauí, 2017). Possivelmente, esta percepção decorra da falta de um marco claro, como acontece nos países que tiveram a participação de grande quantidade de pessoas nos conflitos, como as grandes guerras mundiais. Assim, conflitos violentos, mesmo com consequências para as pessoas envolvidas e para a comunidade, são banalizados no cotidiano.

Portanto, é de suma importância ter um olhar crítico voltado aos fenômenos violentos estruturais presentes na sociedade brasileira (Madureira & Fonseca, 2020). Não ter o olhar voltado a esses aspectos faz com que as violências continuem a acontecer e não alteram a situação vivenciada atualmente em nosso país. Em última instância, quando pessoas que ocupam posições hegemônica na sociedade não reconhecem e não se voltam o olhar para essas violências cometidas contra diferentes grupos, “(...) é uma forma de massagear o ego daqueles/as que ocupam posições hegemônica na sociedade” (Madureira & Fonseca, 2020, p.100). Nesse sentido, pesquisas realizadas com homens possibilitam o reconhecimento de

novas formas de masculinidade, podem contribuir com a desconstrução do conceito da masculinidade hegemônica e a ressignificação de crenças e atitudes que podem ser prejudiciais ao outro e a si mesmo. Tornando-se, então, fundamentais na desconstrução de preconceitos, incluindo o sexismo.

3. Masculinidade no espaço psicoterápico: contribuições da Gestalt-terapia

Por tratar de um fenômeno socialmente relevante, a violência tem sido objeto de estudo na Psicologia. De forma mais específica, no que se refere à Psicologia clínica, são utilizadas estratégias para tratar questões relacionadas aos diferentes tipos de violência sofridas pelos clientes na sociedade (Monteiro, 2012). Durante uma sessão de psicoterapia, ocorre uma troca, por meio do diálogo, entre o psicólogo e o cliente. O terapeuta deve respeitar as características individuais do cliente e assumir uma postura ética durante os encontros, tendo em vista que é o momento em que ele vai construir a relação terapêutica, com base no diálogo com o cliente. Nesse sentido, é essencial manter uma escuta ativa em relação às falas das pessoas, acolhendo homens e mulheres com seus traumas e dores (Henning-Geronasse & Moré, 2015).

Como exemplo de estudo que relaciona o fenômeno da violência sob ótica da Psicologia clínica, Vanazzi (2021) pesquisou sobre como a psicoterapia pode contribuir com a desconstrução do fundamentalismo religioso. Foram realizadas seis entrevistas individuais semiestruturadas virtuais com psicólogos/as clínicos/as. Como resultados da pesquisa, observou-se que constantemente chegam nos consultórios dos psicólogos/as demandas relacionadas ao sofrimento psíquico, interligadas, de certa forma, com a espiritualidade/religiosidade.

Foi possível perceber, também, a dificuldade por parte dos/as psicólogos/as de abordar questões relacionadas à essa temática religiosa. Por fim, a autora Vanazzi (2021) enfatiza a importância dos/as psicólogos/as pensarem criticamente com relação aos fenômenos de violência vivenciados na sociedade, promovendo ações pautadas no respeito à dignidade dos indivíduos e no enfrentamento das opressões e discriminações. Conforme é expresso no Código de Ética Profissional do Psicólogo (2005), um dos princípios fundamentais é:

- a. “O psicólogo baseará o seu trabalho no respeito e na promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, apoiado nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos.” (Código de Ética Profissional do Psicólogo, 2005, p. 7).

Na presente seção, serão construídas pontes com contribuições da Gestalt-terapia. Para essa abordagem, é possível entender o conceito de *self* a partir da ideia de que “o *self* é o sistema de contatos em qualquer momento. Ele é flexivelmente variado, porque varia com as necessidades orgânicas dominantes e os estímulos ambientais prementes; o *self* é a fronteira de contatos em funcionamento; sua atividade é formar figuras e fundos (Perls, Hefferline e Goodman, 1997, p. 49)” Dessa forma, podemos compreender o *self* como sendo constituído, também, pelas experiências de cada indivíduo e podendo ser alterado a qualquer momento (Perls, Hefferline e Goodman, 1997).

Com relação às figuras e fundos mencionados anteriormente, podem ser entendidos a figura como sendo as questões que aparecem no momento presente em que o indivíduo se mostra consciente e o fundo o contexto em que a pessoa está inserida. Ao se pensar em um indivíduo saudável, é preciso verificar se a relação entre os dois está sendo caracterizadas por trocas positivas (Rocha, 2005).

É extremamente importante expor a ideia de que para a Gestalt-terapia, os seres humanos são biopsicossociais. Ou seja, em uma mesma pessoa é possível observar as esferas física, afetiva, intelectual, social, cultural e espiritual (Frazão & Fukumitsu, 2015). Segundo Aguiar (2014), o foco é no indivíduo e no contexto em que ele se encontra. Nesse sentido, Alvim (2010) evidencia a importância de se pensar no campo organismo/ambiente.

Nos atendimentos, o foco é na totalidade da pessoa. Ou seja, os indivíduos não são analisados de forma fragmentada, somente com o olhar voltado aos sintomas (Frazão & Fukumitsu, 2015). A seguir, serão apresentados conceitos e ideias fundamentais para

compreender sobre o processo saudável de se relacionar com o outro e com o ambiente na Gestalt-terapia. Primeiramente, serão explicados três princípios fundamentais que formam o processo de *awareness*.

De acordo com Ribeiro (1997), pensar na singularidade do sujeito depende da interação com o outro. No momento em que você interage com outras pessoas, é importante que você consiga perceber quais características são suas e quais são da outra pessoa, fazendo com que seja possível diferenciar as individualidades de cada um.

Se mostrar presente no aqui e agora (Ribeiro, 1997). Segundo Yontef (1998), faz parte do trabalho do psicoterapeuta fazer com que o cliente se mostre presente no aqui e agora. Há uma diferença entre falar sobre um acontecimento que ocorreu e falar sobre como foi a experiência do cliente naquele determinado momento. Nesse sentido, pensar no aqui e agora não significa que o passado deve ser desconsiderado. Portanto, as informações que descrevem o que ocorreu em determinada experiência não possuem tanta relevância quando comparadas ao sentimento e a atitude vivenciada pela pessoa naquela situação (Perls, Hefferline e Goodman, 1997).

Ser uma pessoa consciente sobre seus fatores orgânicos (emoções, ações e pensamentos) e entender que esses fatores estão interligados dentro do contexto que se vivencia, sendo individual para cada sujeito.

A partir do que foi exposto anteriormente, quando se observa uma pessoa em que demonstra estar consciente sobre seus fatores orgânicos, presente no aqui e agora e que consegue perceber sua singularidade, é possível observar o desenvolvimento da *awareness* saudável (Ribeiro, 1997), conceito o qual nos remete à necessidade de que uma pessoa esteja consciente do que está acontecendo dentro de si e no mundo externo no momento presente (Frazão, 1999). Nesse sentido, *awareness* “é a possibilidade de perceber, simultaneamente o meio externo e interno, mediante recursos perceptivos e emocionais,

embora em algum momento algo possa se tornar mais proeminente” (Frazão & Fukumitsu, 2015, p.86). As experiências vivenciadas por cada indivíduo, são possíveis por causa da *awareness* e do contato.

Sendo assim, para a *awareness* acontecer, é fundamental que exista contato (Perls, Hefferline e Goodman, 1997). Segundo Alvim (2010), “o contato é o processo que envolve um desequilíbrio dado pela experiência do novo e um movimento de reequilibração (Alvim, 2010, p. 66)” É importante pensarmos que não seria possível que ele acontecesse sem que houvesse o corpo. Nesse sentido, Frazão e Fukumitsu (2015) pontuam algumas funções do contato. São elas: visão, audição, olfato, fala e movimento. Essas funções podem ser compreendidas como sendo o caminho para que a pessoa estabeleça o contato com o mundo. Os sentimentos ganham sentido através da presença dessas funções. Em uma relação interpessoal, o contato está presente e a partir dele e da presença de outra pessoa, o indivíduo consegue olhar para si e refletir como um ser diferente do outro (Ribeiro, 2007).

As diferenciações entre as pessoas são identificadas a partir das fronteiras de contato (Perls, 1989). Para compreendermos as fronteiras de contato, é importante destacar que elas não são vistas como um espaço físico. Elas são entendidas como a delimitação que indica o momento em que ocorre o contato (Alvim, 2010).

Dessa forma, para que ocorra um desenvolvimento satisfatório de uma relação, é extremamente importante que haja no ambiente contato com *awareness* que não esteja enfraquecida. A *awareness* é comprometida, por exemplo, quando um homem não entra em contato com seus sentimentos, pois será julgado pelo meio social como sendo uma atitude comum de ser associada ao feminino (Louzeiro, 2018).

Os indivíduos possuem diferentes necessidades e elas aparecem e são satisfeitas ou não em um ambiente que envolve outras pessoas. Podemos pensar em uma situação hipotética em que um homem está no início de um relacionamento com outro homem.

Entretanto, os pais dele não aceitam a relação e constantemente o recriminam e possuem atitudes com práticas discriminatórias que provocam constantes brigas na família e desentendimentos entre o casal de namorados. A partir dessa situação, podemos perceber que o homem, no caso hipotético mencionado, não está conseguindo satisfazer suas necessidades.

Como visto no exemplo exposto anteriormente, a pessoa continua tentando se relacionar com os pais mesmo que as suas necessidades não estejam sendo satisfeitas. Se como passar do tempo, o conflito continuar presente, mesmo que a pessoa continue na tentativa constante de expor suas necessidades de diferentes maneiras, pode ser que a pessoa diminua ou até pare de tentar expressar suas vontades. Quando isso ocorre, o termo utilizado pela Gestalt-terapia é: ajustamento criativo disfuncional. Nesse contexto, entende-se por ajustamento criativo disfuncional quando se observa uma inexpressividade dos reais sentimentos com o objetivo de manter a relação com o outro (Cardella, 2014).

Sendo assim, de acordo com Cardella (2014), o ajustamento criativo funcional é a expressão das vontades de uma pessoa em um ambiente constituído por relações interpessoais. Entende-se que quando a pessoa consegue se relacionar com o mundo expressando suas necessidades, ela conseguirá desenvolver suas subjetividades e potencialidades. Pode-se dizer que uma relação saudável de uma pessoa que está inserida em um contexto, faz com que, conseqüentemente, tenha-se um desenvolvimento psíquico saudável (Frazão & Fukumitsu, 2015).

São características comuns do ajustamento que ocorre sem criatividade, a acomodação, o conformismo e o excesso de adaptação (Cardella, 2014). Portanto, quando se observa uma situação grave em que se tem um ajustamento criativo disfuncional, maior a chance de ter *Gestalten* abertas e cristalizadas (Frazão & Fukumitsu, 2015). O trabalho

terapêutico possibilitará com que essa pessoa possa acabar com a repetição dessa situação e com as *Gestalten* abertas que provocam sofrimento.

Podemos relacionar os estudos de Connel e Messerschmidt (2013) e Aguiar (2014). Aponte entre os dois estudos pode ser estabelecida a partir da perspectiva de que se observa namasculinidade hegemônica alguns padrões relacionados à masculinidade, entretanto, ela não é formada por características que não podem ser mudadas. A masculinidade é vivenciada por cada um de uma maneira, por mais que existam alguns padrões. Em consonância com a Gestalt, Aguiar (2014) pontua que cada pessoa age em determinado campo e momento de determinada forma, vivenciando sua singularidade e subjetividade de forma única.

Nesse sentido, é muito importante o trabalho que vêm sendo realizado através do aumento de pesquisas e estudos sobre o tema da masculinidade e da violência contra as mulheres. Conforme Louzeiro (2018) ressalta, a partir desses estudos, compreende-se que existem diferentes tipos de masculinidade e que os padrões hegemônicos associados à masculinidade podem ser ressignificados. A partir disso, é possível pensar no estabelecimento de relações de gênero caracterizadas pela equidade e pelo respeito.

4. Metodologia

Muitas discussões foram realizadas pelos pioneiros das pesquisas sociais. Discussões estereis que dividiram opiniões e grupos, na tentativa de sobrepor uma metodologia de pesquisa em relação à outra. A pesquisa quantitativa é, tradicionalmente, considerada pesquisa *hard*, que usa modelos estatísticos para explicar o grande número de dados coletados. A pesquisa qualitativa, por sua vez, é considerada, usualmente, pesquisa *soft*, quelida com interpretações das realidades sociais (Bauer, Gaskell & Allum, 2015).

Bauer, Gaskell e Allum (2015) nos convidam à análise crítica de determinados pressupostos para superar tal polêmica, dentre eles: não há quantificação sem qualificação e não há análise estatística sem interpretação. Para que seja possível a análise quantitativa, é preciso categorizar os eventos sociais. Se o pesquisador pretende investigar, por exemplo, a diversidade religiosa de uma cidade, será preciso, antes, fazer a distinção qualitativa destes grupos. A interpretação não é privilégio da pesquisa qualitativa, os dados coletados na pesquisa quantitativa também precisam ser interpretados. Os autores afirmam que "os dados não falam por si mesmos, mesmo que sejam processados cuidadosamente, com modelos estatísticos sofisticados" (Bauer, Gaskell & Allum, 2015, p.24).

Contudo ressalta-se que a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa têm enfoques e posições epistemológicas diferentes (Habermas, 1987, citado em Bauer, Gaskell & Allum, 2015). Tradicionalmente, as pesquisas quantitativas, e muitas qualitativas também, se fundamentam nos pressupostos do positivismo, que se caracterizam pela separação radical entre sujeito e objeto de estudo, a depreciação da subjetividade e afetividade, consideradas como fontes de erros, a supervalorização do método em

detrimento da teoria e da interpretação e a crença da neutralidade e objetividade do método científico (Madureira & Branco, 2001).

Em oposição ao positivismo, González Rey (2005), desenvolveu a epistemologia qualitativa, que inspirou a realização da presente pesquisa. Esta perspectiva compreende a realidade em sua complexidade e dinamicidade e não com a visão simplista do positivismo. Segundo González Rey (2005), a epistemologia qualitativa se fundamenta em três pressupostos centrais:

- A construção do conhecimento a partir da interpretação, que busca dar sentido às expressões sobre a realidade do sujeito e da relação estabelecida entre pesquisador e participante (Gonzalez Rey, 2005).
- O caráter interativo do processo de construção do conhecimento, que extrapola a relação estabelecida entre pesquisador e participante.
- A legitimidade da singularidade na produção do conhecimento, que diferencia a realidade subjetiva do sujeito.

A pesquisa qualitativa inspirada na epistemologia qualitativa desenvolvida por González Rey (2005) parte destes pressupostos, como um modo de investigação que não se limita à mera aplicação de técnicas e instrumentos de pesquisa. A metodologia passa a ser compreendida como um processo cíclico e dinâmico. Como ressaltam Madureira e Branco (2001), na perspectiva epistemológica qualitativa a metodologia é compreendida como a construção de um novo conhecimento, a partir do processo de intervenção utilizado pelo pesquisador em sua interação com o objeto de investigação.

Deste modo, o pesquisador não fica limitado às relações, também constrói ideias a partir de elementos do cenário da pesquisa. Da mesma forma, o participante não é “uma entidade objetiva homogeneizada pelo tipo de resposta que deve dar, mas é reconhecido em

sua singularidade como responsável pela qualidade de sua expressão, relacionada com a qualidade de seu vínculo com o pesquisador” (Gonzalez Rey, 2011, p. 57).

Assim, na pesquisa qualitativa o problema inicial poderá ser apenas o início de um processo contínuo de elaboração do conhecimento, com resultados parciais que irão gerar novos questionamentos, possibilitando novas possibilidades de construção do conhecimento. Dessa maneira, a pesquisa não é um processo regular e contínuo, em que as etapas não possam ser alteradas (Gonzalez Rey, 2011).

De forma mais específica, a pesquisa utilizou a metodologia qualitativa de investigação, por ser aquela que poderá responder às questões delimitadas neste estudo. Na pesquisa qualitativa é possível analisar e compreender significados, crenças, valores, atitudes, que vão além do que é verbalizado pelos sujeitos.

A técnica de pesquisa utilizada corresponde à entrevista, na modalidade individual e na modalidade grupal (grupo focal). De forma mais específica, foi realizada duas entrevistas semiestruturadas individuais com psicólogos clínicos e um grupo focal com homens jovens, buscando compreender as crenças, atitudes, comportamentos, significados e valores expressos nas falas dos participantes (Bauer & Gaskell, 2015).

4.1 Participantes

Participaram do grupo focal, cinco homens jovens, na faixa etária entre 18 e 30 anos, com curso superior completo ou cursando. Este critério se faz necessário para que se possa ter um grupo com nível de escolaridade similar, facilitando a comunicação entre os participantes.

Tabela 1:

Participantes do grupo focal

Nome	Idade
Pedro	23
Frederico	25
Marcos	19
Lucas	24
João	24

Participaram das entrevistas individuais semiestruturadas dois psicólogos que atuam na área clínica.

Tabela 2:

Participantes das entrevistas individuais

Nome	Abordagem
Psicólogo 1	Terapia Cognitivo-Comportamental
Psicólogo 2	Gestalt-terapia

4.2 Materiais e Instrumentos

Para a realização da pesquisa, foram utilizados os seguintes materiais: um computador com acesso à internet, para que fosse possível a realização dos encontros através da plataforma online Google Meet, um gravador de celular pertencente a pesquisadora para

facilitar o processo de análise das informações construídas no grupo focal e nas entrevistas individuais e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo A e B).

Em relação aos instrumentos: no grupo focal, foi utilizado um roteiro, o qual foi inspirado no roteiro elaborado por Yoshioka (2018) (Anexo C). Além dos roteiros, também foram utilizados trechos previamente selecionados dos vídeos “O silêncio dos Homens” e “Precisamos falar com homens?”. Para as entrevistas individuais, foi utilizado também outro roteiro referente à entrevista individual semiestruturada (Anexo D).

4.3 Procedimento de construção de informações

O projeto de pesquisa foi submetido, inicialmente, ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília (CEP CEUB). Após a aprovação do CEP CEUB (Anexo E), os participantes foram selecionados através da rede interpessoal da pesquisadora.

Posteriormente, foi feito o contato com os participantes, quando foram informados sobre o objetivo geral da pesquisa e os procedimentos metodológicos a serem utilizados. Em seguida, foi enviado, por WhatsApp, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Na outra etapa da pesquisa, os psicólogos clínicos convidados foram escolhidos a partir de indicações feitas por contatos interpessoais da pesquisadora. A pesquisa foi custeada pela pesquisadora.

Tanto o encontro do grupo focal, como as entrevistas individuais semiestruturadas, ocorreram virtualmente, através da plataforma online Google Meet. O link foi encaminhado aos participantes por meio do WhatsApp. É importante ressaltar que a escolha da realização dos encontros no formato virtual se deve à pandemia de Covid-19, preservando a saúde dos participantes e da pesquisadora.

Nas entrevistas em grupo (grupo focal), os participantes foram estimulados a expor seus argumentos e a dialogarem sobre as colocações de outros membros do grupo. O contexto do grupo focal aproxima-se de um ambiente mais natural, onde as pessoas espontaneamente interagem, contestam, comentam, emergindo uma sinergia e um nível de envolvimento emocional (Gaskell, 2015).

Um dos motivos para ter sido escolhido como estratégia metodológica o grupo focal, está relacionado com a percepção de que os participantes se sentiriam mais à vontade para dar suas opiniões com a presença de outros homens que também estavam falando, de forma espontânea, sobre o mesmo assunto (Grogan & Richards, 2002; Souza Silva & Assis, 2018 e Yoshioka, 2018).

Nas entrevistas semiestruturadas com os profissionais de Psicologia que atuam na área clínica, foi realizado um encontro individual com cada um dos participantes. As entrevistas também foram feitas através da plataforma Google Meet.

No momento da realização das entrevistas, existe uma troca de conhecimentos e significados entre o pesquisador e as pessoas entrevistadas. Nesse sentido, “o momento da entrevista consiste em um espaço dialógico, perpassado pelos significados co-construídos pelo pesquisador e entrevistado” (Madureira & Branco, 2001 p.63). Toda pesquisa que utiliza a entrevista (individual ou grupal), enquanto estratégia metodológica, é um processo social, em que os conhecimentos são construídos por meio da troca de ideias, impressões e significados.

4.4 Procedimentos de análise

Inicialmente, foi realizada a transcrição literal das gravações do encontro do grupo focal e das entrevistas individuais. As informações construídas na pesquisa de campo foram

analisadas com base no método de análise de conteúdo em sua vertente temática (Gomes, 2016). A partir desse método de análise, o pesquisador pode realizar a análise dos significados que vão além do que será expresso, de modo explícito, pelos participantes (Gomes, 2016). Nesse sentido, após a transcrição realizada pela pesquisadora, foram construídas categorias analíticas temáticas que nortearam o trabalho interpretativo.

Na análise de conteúdo, foram realizadas: “pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação” (Gomes, 2016, p. 75). Sendo assim, como objetivo de analisar e interpretar as informações construídas nas entrevistas, foram realizadas as separações das informações em categorias analíticas temáticas que estão articuladas com os objetivos da pesquisa e com a fundamentação teórica.

De forma mais específica, foram elaboradas as seguintes categorias analíticas temáticas: (a) Masculinidade Hegemônica e violência contra as mulheres: o olhar de homens jovens; (b) Masculinidade Hegemônica e violência contra as mulheres: o olhar de psicólogos clínicos; e (c) a Construção de outras masculinidades: sugestões dos participantes.

5. Resultados e Discussão

Na presente seção, serão apresentados e discutidos os resultados mais significativos da pesquisa realizada, a partir das categorias analíticas temáticas mencionadas anteriormente. Os nomes que serão apresentados a seguir, não correspondem aos nomes reais dos participantes.

5.1 Masculinidade Hegemônica e violência contra as mulheres: o olhar de homens jovens

Nos últimos anos, a quantidade de pesquisas realizadas com o objetivo de investigar a masculinidade tem aumentado. Podemos observar na nossa sociedade que existem determinadas expectativas relacionadas à maneira de agir, se expressar e se posicionar com relação aos homens. Portanto, o interesse sobre o tema da presente pesquisa foi relacionado à percepção de que, mesmo ocupando uma posição de privilégio na sociedade, por mais que o número de pesquisas tenha aumentado, não é tão recorrente a discussão sobre questões que envolvam a masculinidade. Nesse sentido, é relevante ampliarmos as pesquisas sobre a masculinidade hegemônica.

A partir dos valores, ideias e referências da cultura, os corpos são classificados e associados a determinados grupos sociais (Louro, 2021). Dessa forma, determinadas características pertencentes a algum membro específico do corpo, por exemplo, a forma como são as mãos, os pés, os pênis, as vaginas ou as peles das pessoas, são classificadas de diferentes formas, com relação ao pertencimento étnico-racial, gênero ou nacionalidade.

Nesse contexto, Louro (2021) discute que esses diferentes significados culturais se tornam marcas de cada cultura e, por isso, essas características do corpo são classificadas e marcadas de diferentes formas, diferenciando os indivíduos e vinculam-se às relações de poder historicamente estabelecidas (Louro, 2021).

Segundo Kimmel (2016), a masculinidade hegemônica expressa “um homem no poder (*in power*), um homem com poder (*with power*) e um homem de poder (*of power*)” (Kimmel, 2016, p. 105). Dessa forma, ao se pensar na masculinidade hegemônica, são associadas características relacionadas à força, liderança, sucesso e coragem e, muitas vezes, as concepções formadas na cultura sobre a masculinidade reforçam a (suposta) superioridade em relação a outros homens e às mulheres (Oliveira, 1998; Kimmel, 2016; Yoshioka, 2018).

Uma das perguntas da entrevista foi sobre como é ser homem para os participantes. Alguns participantes ficaram surpresos e relataram nunca terem parado para pensar nessa pergunta. A reação dos participantes ilustra uma questão importante que Madureira e Branco (2001) discutem em seu artigo metodológico. Segundo as autoras, a entrevista, é um momento em que os participantes estão em um espaço dialógico para a construção do saber, um espaço de co-construção de significados, ou seja, não corresponde a um meio de acesso às informações como se as mesmas já estivessem prontas (Madureira & Branco, 2001).

Por outro lado, as falas de Lucas e Marcos, que serão mostradas a seguir, demonstram que, nos últimos tempos, eles vêm repensando vários privilégios que têm acesso por serem homens. A partir dessas falas e por terem aceitado participar da pesquisa, acredito que os participantes estão, de certa forma, abertos para discutirem sobre questões de gênero e se mostraram incomodados com os ideais da masculinidade hegemônica.

“Ser homem para mim, hoje, é se questionar, mas acho que é mais uma questão individual do ponto de vista de todas as coisas que eu faço, com certeza, eu faço em questão de um machismo, né, social, assim. Então, o fato de eu gostar disso ou não gostar daquilo; de eu ir fazer isso, aquilo outro.” (Lucas)

“Eu nunca parei muito para pensar, mas voltando no tempo, assim, eu já, eu sinto que eu já pensei muito nessa questão do ser homem é ser “cara, eu tenho que pegar todo mundo”, inclusive eu, por ser uma pessoa mais tímida, que quando era adolescente era mais retraído, já cheguei a questionar esse fato de ser homem, porque eu não gostava de sair de casa, tinha... enfim, vários problemas ali. Hoje, eu vejo que não tem nada a ver. Enfim, o conceito de ser homem na minha cabeça, hoje, já mudou muito”. (Marcos)

No trecho da fala de Marcos, apresentada anteriormente, aparece a cobrança de ter que provar sua masculinidade para as outras pessoas. Lucas também apresentou uma fala significativa sobre as cobranças que já percebeu ter vivenciado: *“Nós homens temos uma incumbência de se desenvolver profissionalmente, de ter aquela questão do homem ser o provedor da casa, né. (...) Na escola, conversa. O seu tio que está falando aqui. Ou o seu chefe, ele geralmente é homem.”*

Em sua Dissertação de Mestrado, Windmoller (2016) analisa a cobrança constante vivenciada pelos homens em suas vidas, principalmente relacionada ao sucesso financeiro e sexual. A partir do momento em que as expectativas não são atingidas, surge o sentimento de incapacidade e incompletude (Windmoller, 2016). Para Yoshioka (2018), essa sensação de fracasso pode desencadear sofrimento psíquico na pessoa.

Nesse contexto, a violência é utilizada como uma forma de demonstrar suas frustrações relacionadas ao fato de não terem conseguido sucesso em determinada área e com o objetivo de mostrar que eles, mesmo assim, detêm o poder de certa forma (Wang, Jablonski & Magalhães, 2006). Nesse sentido, com relação a violência, os homens podem ser tanto autores como vítimas desse processo (Yoshioka, 2018).

A temática da violência foi um ponto em comum que os participantes da pesquisa concordaram que está presente em situações vivenciadas por eles. Frederico comenta sobre a sua percepção de que sente que nos ambientes masculinos há uma maior competitividade e sentimentos de raiva nas relações interpessoais que são estabelecidas.

“E na questão de violência, (...) eu fico pensando no grupo de whatsapp, assim, sabe. Tipo, se eu entro num grupo que só tem homens, não sei, a galera se xinga, tá ligado? Tipo assim, é uma coisa que, até num tom de brincadeira, mas eu acho que é aquele negócio, né, da brincadeira, brincadeirinha, brincadeirinha, mas é séria a parada, saca, assim? Então, acho que rola uma questão de xingamento maior, uma questão de se cobrar maior, assim... uma raiva que eu não sei... eu sinto como raiva.” (Frederico)

Na sessão de grupo focal realizada, os participantes dialogaram sobre a fase do período escolar ser marcado por demonstrações do que é ser um “homem de verdade”. De acordo com Welzer Lang (2001), “a casa dos homens” é a forma como ele denomina os espaços em que há um convívio maior com outras pessoas do sexo masculino. Essa fase é marcada pela passagem da infância para o início da adolescência e constitui-se de acontecimentos marcantes que são caracterizados como ritos de passagem (Welzer-Lang, 2001). As cobranças observadas no período escolar ficam evidentes na fala de Pedro:

“Eu lembro muito de muitas partes da infância (...) meus amigos costumavam precisar muito reafirmar a masculinidade deles por diversos meios. Então, eram coisas por exemplo, por algum motivo, você discute com um amigo, e aí ele usa de argumentos de masculinidade para se sobressair sobre você. “Ah, mas eu sou mais

bonito que você”, “ah, eu pego mais mulher que você”, coisas, assim, que são supérfluas, mas que mostram que a gente tem essa, né, esse problema de você sempre ter que ser o homenzão que pega todas, e que não chora, que é cool, que é maneiro, né; você não pode demonstrar empolgação com as coisas que faz. Senão, você acaba desvalorizado como homem.” (Pedro)

Para analisar criticamente as relações de poder entre os gêneros, é muito importante estabelecer quais são os meios que os controlam (Holanda, 2020). Um dos poderes demonstrados sobre outro gênero pode ser observado no sexismo e na homofobia. Podemos categorizar essas violências sofridas por essas populações como violências simbólicas.

Segundo Bourdieu (2021), a violência simbólica não deve ser entendida como se fosse irreale só estivesse no campo da imaginação. Nesse sentido, para o estudo da masculinidade hegemônica, a qual é pautada no sexismo e na homofobia, é essencial considerar e ter como base o aspecto simbólico da dominação masculina (Welzer Lang, 2001; Junqueira, 2009; Holanda, 2020).

No trecho da fala de Marcos, apresentado a seguir, é possível observar a presença da homofobia. Como Louro (2021) discute em sua obra, as pessoas que demonstram comportamentos considerados “diferentes” do que é esperado para determinado gênero são caracterizadas como indivíduos desviantes, os quais possuem características que estão sendo sempre alvo de correção.

“veio na minha cabeça uma frase que eu já ouvi bastante que era tipo “pode ser gay, pode ser homossexual, mas seja homossexual macho”. Assim, representando, tipo, que sua sexualidade, enfim, pode influenciar na sua masculinidade, que a masculinidade é simplesmente o fato de você agir como um homem, como um macho alfa ali.” (Marcos)

Muitas vezes, alguns homens se comportam de maneira exagerada para provar sua masculinidade para outras pessoas, afastando, assim, a possibilidade de serem vistos pela sociedade como sendo homossexuais (Kimmel, 2016). A partir desse contexto, fica nítida a relação entre a masculinidade, o sexismo e a homofobia (Kimmel, 2016).

Quando os homens não demonstram suas reais vontades e sentimentos, se sentem inseguros e acabam construindo máscaras para lidarem com a situação de não serem julgados por associação ao feminino. Além disso, no ambiente social, usam roupas, apresentam falas e demonstram terem força física. Ou seja, demonstram sua masculinidade na esfera pública, onde é um ambiente que lhes é simbolizado para que eles ocupem. Nesse sentido, observa-se que são feitos julgamentos por parte da sociedade, quando homens têm comportamentos que são considerados como femininos (Welzer-Lang, 2001). De acordo com Kimmel (2016), “ser um homem significa não ser como as mulheres” (Kimmel, 2016, p.106) Os participantes do grupo focal dialogaram sobre como esses julgamentos foram recorrentes em suas vivências e os fizeram questionar diversas questões, como, por exemplo:

“Os meninos têm medo de fazer as coisas que gostam pela pressão social de fazer essas coisas.” (Pedro)

“Essa questão de ser homem, tipo assim, eu sou, assim, totalmente adepto da ideia de que é, cara, é um personagem praticamente, né, a performance. E tem gente que lida com esse papel e tem gente não lida e sofre muito com isso, né. Eu acho que é a Butler que fala, né, que essa questão de gênero é uma questão performática. E depois que eu, pô, depois que eu vi isso, eu “caraca, é mesmo”. Realmente, é uma performance total, né, com roupas para homem, próprias de homem. Então, é tipo um personagem, né. Se um personagem de uma série que você gosta aparece com uma roupa completamente aleatória, assim, você não vai reconhecer ele, né. Você vai

achar que ele está fora do personagem e a série... sei lá...viajou. Então, eu acho que tem essa ideia aí e eu acho que, enfim, é uma constante busca; questão de buscar ser homem.” (João)

Nesse sentido, Machado (2001) compara a situação quando o homem tem que provar sua masculinidade com uma espécie de teatro, em que o homem acaba se caracterizando de um personagem com o objetivo de mostrar aos outros que é forte. Fazendo um paralelo com a violência, eles

“assumem as máscaras da agressividade e da violência, como se não tratassem deles mesmos, mas apenas da encenação de jogos. Onde as performances são mais excitantes que as posições de sujeito em eixos sociais e em redes sociais, ou seja, emvidas relacionais.” (Machado, 2001, p. 27).

As falas trazidas na presente pesquisa demonstram a dificuldade em exercer todos os princípios da masculinidade hegemônica. É possível observar como essa tentativa constante de reafirmar a masculinidade provoca frustrações, medo e sofrimento nos homens (Connel, Messerschmidt & Fernandes, 2013; Kimmel, 2016; Oliveira, 1998; Welzer-Lang, 2001; Yoshioka, 2018), o que torna “a busca pelo status de "homem de verdade" (...) incessante e inalcançável” (Yoshioka, 2018, p. 40).

De acordo com Connel, Messerschmidt e Fernandes (2013), a masculinidade pode ser vivenciada de diferentes formas. Entretanto, é importante ter o cuidado com a forma como os homens vão se posicionar sobre os discursos observados na sociedade. “O masculino é ao mesmo tempo, submissão ao modelo e obtenção de privilégios ao modelo” (Welzer Lang, 2001, p. 464)

A partir do final do século XX, após mudanças políticas e socioeconômicas ocorridas no mundo e a partir do surgimento do movimento feminista, foi possível perceber que

algumas mudanças aconteceram no conceito de masculinidade (Welzer-Lang, 2001). De certa forma, os homens começaram a demonstrar um maior incômodo com o modelo da masculinidade hegemônica e, a partir daí, iniciou-se o pensamento de ressignificação de novas masculinidades, tornando possível experimentar situações que causem menos sofrimento a todos os envolvidos.

5.2 Masculinidade hegemônica e a violência contra mulheres: o olhar de psicólogos clínicos

Para realizar o trabalho em Psicologia, é necessário ficar atento a muitas questões éticas que o envolvem. Nesse sentido, de acordo com o Código de Ética Profissional do psicólogo, é fundamental que o psicólogo estabeleça um compromisso ético ao exercer a profissão (Código de Ética Profissional, 2005). Portanto, em atendimento ao referido Código, é necessário manter respeito, sigilo e acolhimento com relação aos valores e crenças dos clientes, mesmo que possam vir a ser diferentes aos dos psicólogos (Vanazzi, 2021; Código de Ética Profissional, 2005).

Os psicólogos clínicos entrevistados contribuíram com falas muito significativas sobre a atuação profissional, relatando características básicas a serem seguidas pelos profissionais como a necessidade de se ter bom senso, respeito e ética. Sobre o atendimento clínico de uma mulher que foi vítima de violência, o Psicólogo 1 disse que:

“Não adianta ele querer oferecer um atendimento para ele ocupar muitos pacientes, se ele não tem o conhecimento prévio para aquilo. Lidar com a demanda de mulheres que são vítimas de violência, é uma demanda muito delicada. Não é um atendimento clínico convencional de uma pessoa que está chegando ali para fazer um trabalho de autoconhecimento, para tratar questões de trabalho, essas coisas”

A partir dessa fala do psicólogo participante da pesquisa, podemos pensar na importância de ser abordado na formação acadêmica temas muito recorrentes no cenário atual, a exemplo da violência contra as mulheres. Dados divulgados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública demonstram que, no ano de 2021, houve no Brasil mais de 100 mil casos de violência sexual contra mulheres e 2.451 feminicídios. Com esses números alarmantes

divulgados diariamente nos noticiários brasileiros, é fundamental promover a reflexão sobre o que pode ser feito para que os casos diminuam.

Segundo Zanello (2010), o psicólogo deve ter muito cuidado durante o atendimento clínico para realizar uma escuta ativa em relação ao sofrimento do (a) paciente. Além de ter uma escuta ativa, é necessário também ter uma escuta social, para que seja possível identificar outros contextos e dimensões que impactam em seu sofrimento (Zanello, 2010).

Tomando como base o contexto da Psicologia, questionei os participantes sobre como, na opinião deles, a Psicologia, como ciência e campo de atuação profissional, pode contribuir para a prevenção da violência contra as mulheres.

“A Psicologia lança o olhar dos estudos. (...) Então, entender, principalmente, como foi o processo de violência é uma forma muito forte da Psicologia de jogar uma luz ao entendimento disso. (...) Então, atuando, tanto preventivamente como na hora de remediar uma situação, a Psicologia deve ou saber oferecer um espaço de acolhimento para a vítima mas também um espaço importante e livre para o agressor.” (Psicólogo 2)

“(...) Precisamos formar o psicólogo com essa noção e visão de que ele precisa ser sensível e ter esse olhar diferenciado para que na atuação, quando chegar ao mercado de trabalho, ele consiga entender que o olhar dele tem que ter esse diferencial. (...) Não consigo pensar em nenhum tipo de intervenção sem pensar na cadeira da faculdade.” (Psicólogo 1)

A partir disso, na opinião de um dos psicólogos, é muito difícil pensar na prevenção de sintomas ou atos violentos. Em um dos resultados da pesquisa de Rosa (2017), as psicólogas entrevistadas expressam suas dificuldades relacionadas à prevenção de um quadro

de sofrimento antes do atendimento terapêutico. Nesse contexto, afirmam que é muito comum a pessoa chegar ao consultório quando o sofrimento já se tornou crônico e acreditam que a melhor forma de prevenir o sofrimento causado pela homofobia, depende de questões externas ao ambiente terapêutico.

Nessa direção, de acordo com o psicólogo 2, para mudar o quadro de violência contra mulheres no Brasil, deveriam ser tomadas atitudes primeiramente que correspondem a dimensões fora do ambiente terapêutico.

“Primeiro, é o que já se faz com relação às campanhas com relação às mulheres. No seguinte sentido: Delas saberem identificar e pedirem ajuda mais cedo. Deveriam parar um homem mas acho que esse tipo de abordagem da polícia, de ONGs, é uma coisa que é quase que uma manutenção. Com relação aos agressores, acredito que a manutenção da lei e melhoria desta lei.” (Psicólogo 2)

Durante os atendimentos clínicos, em algumas situações, pode ser que o cliente fale sobre valores que são contraditórios aos do seu psicólogo. Quando os participantes foram questionados sobre essa situação, foi possível compreender que ela é recorrente nos consultórios e que provoca um certo desconforto. O Psicólogo 1 trouxe dois exemplos que aconteceram durante sua experiência na clínica:

“Acabam chegando muitos homens. Tem esse comportamento do homem querer ser atendido por um homem. Aí essa própria concepção deles já é uma visão machista. Quando ele chega para mim com esse discurso, eu já começo com uma possível consideração a partir daí.”

“Ouvi aquela frase muito clichê que diz que prefere o filho na rua do que dentro de casa vestindo e passando essas coisas no rosto. Isso me impactou muito. Até então só tinha visto em filme ou lido. Na prática, ouvir aquilo de uma paciente me impactou muito.”

Conforme foi discutido anteriormente nesse trabalho, mesmo que os homens sejam pressionados pela sociedade a seguirem determinado padrão de masculinidade, cada indivíduo vive de forma distinta (Connel & Messerchmidt, 2013; Oliveira, 1998).

Relacionando isso com a perspectiva da Gestalt-terapia, reforçamos que cada pessoa age mostrando suas potencialidades, de forma individual e única (Aguiar, 2014). Nesse sentido, o indivíduo que está inserido em determinada cultura, pode ter novas vivências relativas à masculinidade.

Com base na abordagem da Gestalt, é fundamental considerar o campo, ou seja, o contexto em que as pessoas estão inseridas. É no campo que ocorrem os contatos e as trocas entre figura e fundo (Aguiar, 2014; Rosa, 2017). Para compreendermos o que é a figura e o fundo, Rocha (2005) os descreve como o fundo sendo o contexto da situação e a figura, o momento atual e o que está consciente nele. Dessa forma, os comportamentos das pessoas refletem o campo em que elas estão inseridas (Aguiar, 2014), razão pela qual a pessoa sempre é vista em sua totalidade. Na fala do Psicólogo 2, demonstrada a seguir, é possível compreender o olhar voltado para a esfera intersíquica e intrapsíquica.

“Vou abordar aqui a visão de mundo da Gestalt-terapia. Ou seja, a visão de quem escolhe, de um indivíduo livre e que faz o contato com as suas necessidades e com o meio ambiente. Obviamente, com a expansão de consciência, entendendo sobre as possíveis consequências. Olha, em princípio, a Psicologia, diferente das outras áreas

da saúde, que vão implicar sobre isso também, vai lançar um conhecimento sobre o processo humano, individual. Esse processo é também social, interpessoal, mas também intrapsíquico. (...) Com muito cuidado, acho que a Psicologia tem muito a contribuir com entendimento e intervenção com relação à prevenção e ao processo terapêutico que pode estar fazendo com que aquela situação esteja acontecendo.”

Para a Gestalt, com as experiências e os diálogos estabelecidos entre o cliente e o terapeuta durante a sessão, a pessoa é vista em sua totalidade, ou seja, o foco não é voltado somente aos sintomas que ela apresenta (Frazão & Fukumitsu, 2015). Antes do atendimento, é importante não criar expectativas e “pensamentos à priori” (Rosa, 2017, p. 39)

Durante a entrevista, quando os psicólogos foram questionados sobre como é ser homem para eles, o Psicólogo 2 afirmou: *“com muito tempo, e nessa jornada de terapeuta, eu consegui eventualmente, dar um pouco de vazão para nos momentos em que estava triste, ficar triste mesmo e chorar um pouquinho. Mas não é uma coisa muito comum.”* A partir dessa fala, podemos pensar que quando um homem age de uma forma que ele não queria, com o objetivo de não ser associado ao comportamento feminino, podemos perceber um processo em que a *awareness* fica comprometida, tendo em vista que essa situação demonstra um conflito pessoal interno (Louzeiro, 2018).

Em situações em que a pessoa não expressa suas reais necessidades, é mais difícil que sejam desenvolvidas suas subjetividades e potencialidades. Nesse sentido, o contato, a autorregulação orgânica e o ajustamento criativo são processos que ficam cristalizados nessa situação específica e podem desencadear o sofrimento (Cardella, 2002; Louzeiro, 2018).

Quando Ribeiro (1997) discute sobre os processos de saúde e doença para a Gestalt, enfatiza que o sofrimento psíquico é decorrente de situações como a exemplificada acima, em

que a pessoa não consegue fazer contato e desenvolver novos ajustamentos criativos, os quais se tornam cristalizados. Esses problemas com o processo de contato podem ser de duas formas: “problemas de fechamento para o contato, quando a pessoa tem seu contato com o outro reduzido, se fixando em si mesma. Ou problemas de abertura para o contato, quando a fixação é no exterior, alienando-se de si (Rosa, 2017, p. 67).”

Nesse contexto, a necessidade organísmica não está sendo concretizada, situação que faz com que a pessoa se sinta insatisfeita, mas, ao mesmo tempo, essa insatisfação não é suficiente para fazer com que ela crie novos ajustamentos que poderiam ter uma funcionalidade maior (Ribeiro, 1997; Rosa, 2017). Frente a uma situação de sofrimento, observa-se quais são as questões que contribuem para o seu aparecimento. Além disso, é importante ressaltar que para uma pessoa saudável, é fundamental que ela estabeleça contato.

O problema está quando se observa a abertura ou o fechamento em excesso, tornando o processo cristalizado. Para exemplificar uma situação em que a necessidade organísmica não está sendo satisfeita, podemos pensar na fala do psicólogo 1, quando foi questionado sobre como é ser homem para ele. *“Primeiro, por ser um homem afeminado, cresci ouvindo aquelas coisas: “Senta direito”, “tenha a postura de homem”, “seja isso, seja aquilo”. Então eu não fugi daquela regra na minha criação(...) Eu me assumi publicamente bissexual depois dos 30 anos.”*

Nesse contexto, o psicólogo agia de acordo com as regras que lhe eram faladas durante a sua infância, mesmo que não representassem a forma como ele gostaria de estar se comportando. Ao fazer contato com o problema, o indivíduo se mostra consciente e percebe a necessidade de criar novos ajustamentos criativos para lidar com aquela situação (Alvim, 2010; Cardela, 2002; Rosa, 2017), nesse caso, assumindo sua sexualidade publicamente e se comportando de acordo com a maneira como ele se sente bem. Portanto, para que ocorra o

processo de criação de ajustamentos criativos funcionais, é fundamental que a pessoa se mostre *aware*.

Conforme foi discutido em outras seções da presente pesquisa, em alguns casos, percebe-se uma intransigência em agir de maneiras diferentes do padrão da masculinidade hegemônica. Pensando na perspectiva de que existem “regras” sobre a melhor forma de se comportar e que uma pessoa acaba mudando a maneira como gostaria de agir para entrar nesse padrão, na visão da Gestalt-terapia, nesse caso, não é possível de acontecer um processo de ajustamento criativo saudável (Louzeiro, 2018; Ribeiro, 2007; Yontef, 1998;).

Na percepção do Psicólogo 2, em sua experiência no atendimento clínico, por mais que esteja aumentando o número de homens fazendo psicoterapia, o gênero feminino procura mais o atendimento psicológico do que o masculino. Pode-se pensar em uma justificativa para isso relacionando à ideia difundida no nosso contexto cultural de que os homens devem ser fortes e não demonstrarem vulnerabilidades.

“A maioria das pessoas que procuram terapia são mulheres. É a mulher que vai fazer uma reflexão sobre a própria vida, sobre o que pode mudar. Ou seja, o que pode impulsionar a pessoa para ir para a terapia? Todas as pessoas podem se beneficiar de uma terapia, homens ou mulheres. Mas por que as mulheres acabam pedindo mais pelo atendimento? Acho que uma leitura muito possível que atravessa esse fenômeno, é o fato de que a mulher se identifica. É incentivada pela sociedade a identificar alguma coisa nela que precisa consertar. Por outro lado, o homem não. O cara quis ficar com a mulher e se ela não aceitou, ela é louca, mal-amada. Qualquer tipo de problema, é fora do homem.”

Sobre a fala do Psicólogo 2 descrita acima, é importante enfatizar a problematização de que os homens frequentemente não reconhecem sua parcela de responsabilidade na violência e acabam culpabilizando o outro, tendo em vista que eles não se veem como responsáveis.

Assim, é fundamental pensarmos nas inúmeras formas como os/as psicólogos/as podem contribuir nas questões de gênero que envolvem o convívio em sociedade, principalmente visando a desconstrução dos preconceitos para que seja possível uma sociedade mais igualitária (Yoshioka, 2018, Holanda, 2020).

5.3 A construção de outras masculinidades: sugestões dos participantes

Ao final do encontro do grupo focal, os participantes comentaram sobre a dificuldade de encontrarem espaços para falarem sobre as questões que foram abordadas durante a entrevista em grupo. Frederico expressa esta dificuldade em sua fala: “*A gente pensa individualmente em algumas coisas, mas eu acho que a gente nunca, eu, pelo menos, nunca pensei no todo, né. É uma parada que me fez refletir para caramba.*”

Segundo Holanda (2020), mesmo que os homens ocupem uma posição de privilégio na sociedade e sejam incentivados a frequentarem os espaços públicos e a emitirem suas opiniões sobre os assuntos, quando se trata de um ambiente para falarem sobre os seus sentimentos, frustrações, angústias e vulnerabilidades triviais da experiência humana, não são comuns os espaços em que os homens sentem a abertura para falarem sobre essa temática (Holanda, 2020; Yoshioka, 2018).

Nesse sentido, percebe-se a importância da criação de grupos que tenham o objetivo de homens expressarem sua autenticidade, vulnerabilidade e angústia sem serem julgados por outras pessoas (Holanda, 2020; Yoshioka, 2018). Pode-se perceber isso na fala do Psicólogo 2:

“esses grupos masculinos que têm aqui em Brasília, esses grupos terapêuticos voltados para homem, eles deveriam ser uma coisa mais comum, mais frequente. Porque um homem, junta com outro homem para falar sobre as suas dificuldades, sobre os seus medos, suas frustrações. Poder ser acolhido nisso e poder ver as possibilidades de relacionamento e de ajuste de que não sejam a violência e a agressividade. Só isso acho que já dá muita ferramenta e impede muita coisa.”

A percepção da necessidade de um espaço de fala entre os homens foi também estendida para as relações com as mulheres. Nas falas de alguns participantes, tanto do grupo

focal com homens jovens como nas entrevistas individuais semiestruturadas com psicólogos, apareceram falas relacionadas ao fato de que começaram a repensar algumas atitudes a partir da convivência com mulheres em seu meio social. Conforme pode-se perceber pelo relato de Lucas: *“eu converso isso com a minha namorada, o ponto de vista das mulheres serem castradas realmente, né, na sociedade, enquanto a gente pode muita coisa.”*

Neste sentido, os participantes ressaltaram a possibilidade e a necessidade de os homens se permitirem estar em um lugar de escuta das percepções e sentimentos de homens e mulheres. É interessante perceber na fala do psicólogo 2, apresentada a seguir, a importância de o indivíduo estar aberto para escutar e aprender com os outros no ambiente em que está inserido, ressignificando ideias transmitidas pela família, pela escola e por outras instâncias da cultura. Nessa perspectiva, é fato a importância do processo educacional na construção e promoção de valores culturais de respeito aos desejos e necessidades do outro, que vão guiar a forma das pessoas pensarem e agirem na sociedade.

“Sou casado com uma mulher que é muito desconstruída e feminista. Então, fiz um trabalho sobre masculinidade (...). Minimamente, tenho alguma leitura sobre isso. Pelo fato de ser um homem que estudou Psicologia, tenho muito convívio com mulheres, amigas, colegas de trabalho. Então, posso dizer assim: me considero um homem que tenho um pouquinho mais de abertura. Só que assim, volta e meia, eu acabo falando alguma coisa que estou usando do meu privilégio e tenho que engolir isso em seco. Eventualmente é difícil para mim reconhecer isso porque é como se ferisse a minha vaidade. Eu fiz isso, estudei, conquistei o meu espaço e acabo errando de novo” (Psicólogo 2)

“(...) Eu sou o único homem atualmente na empresa. E eu acho que o que tem que ser conversado sobre masculinidade é o quanto a gente afeta as outras pessoas pela masculinidade que a gente tem/ exala, sabe, assim, tipo, é... e eu acho que quando você está no meio que você é o único homem na parada, que você começa aperceber algumas coisas (...)” (Frederico)

As falas apresentadas exemplificam o que Yoshioka (2018) discute em sua pesquisa. Segundo a autora, a promoção de uma sociedade em que se possa observar uma maior equidade nas relações, será possível a partir da promoção de um diálogo pautado no ouvir e na abertura para aprender com o outro no convívio entre homens e mulheres. As estratégias que permitem espaços de escuta e de fala das subjetividades de homens e mulheres podem minimizar as dificuldades nas relações e proporcionar aos homens experimentar e construir novos aprendizados.

Outro aspecto apontado pelos participantes é retratado na fala do Psicólogo 2, o qual relata que já passou por muitas situações em que viu pessoas fazendo comentários em tom de brincadeira com outras pessoas, por torcerem para determinado time de futebol que é considerado como tendo torcedores gays. Essa situação do cotidiano demonstra o quanto a masculinidade hegemônica está presente nos grupos e na sociedade em geral. Propaga-se um padrão de virilidade que indivíduos do sexo masculino são levados a expressarem, um estereótipo de sujeito que reúne características motoras, físicas e comportamentos agressivos (Holanda, 2020; Oliveira, 1998; Welzer-Lang, 2000; Yoshioka, 2018). Neste sentido, um dos participantes expressa seu desconforto e pouca tolerância a tais brincadeiras:

“Mas eu não tenho essa vontade e cultura de estar com os homens bebendo e falando sobre futebol, entendeu? De vez em quando, com um amigo ou com o outro

eu gosto de fazer uma brincadeira ou outra. Mas acho que isso é uma coisa como se eu sentisse que não vou me encaixar naquela galera. Porque eu não dou conta mais de tudo aquilo que representa. Inclusive algumas coisas que eu acho que podem chegar à barbárie.” (Psicólogo 2)

Quando se observa determinadas práticas, valores ou crenças ancoradas na masculinidade hegemônica, é possível concluir que se cria uma barreira de “proteção” entre os homens e seus próprios sentimentos (Holanda, 2020; Oliveira, 1998; Welzer-Lang, 2000; Yoshioka, 2018). Como discutido por Borillo (2009), as relações interpessoais próximas que os homens heterossexuais estabelecem com outros homens, muitas vezes, são associadas a características femininas e classificadas pela sociedade como relações com características homossexuais. De certa forma, estes homens são afetados pela homofobia, vivenciando suas consequências.

No contexto escolar pode ser observado o que Welzer Lang (2000) diz sobre “a casa dos homens”, o qual é marcado por um convívio maior com outras pessoas do mesmo gênero e caracterizado por constantes brincadeiras de cunho sexual, sendo possível observar nesse período a característica da homossociabilidade. Os ensinamentos sobre como “devem” ser os comportamentos masculinos são repassados de geração em geração, os quais orientam como devem se portar, se expressar e sentir. Este padrão de práticas está presente nas escolas e permeia a convivência do/s aluno/s. De acordo com Madureira e Branco (2012), pode-se observar no ambiente escolar a reprodução de comentários preconceituosos com relação a orientação sexual, estereótipo de gênero, classe social ou aparência física.

Na fala de um dos psicólogos participantes da pesquisa, é evidenciada a importância desses assuntos serem introduzidos desde a infância de cada um. *“(…) pensando em um homem como processo, é um homem que precisa encontrar, desde criança um lugar mais*

seguro para ser homem. Para que consiga lidar com a frustração e lidar com uma mulher empoderada. Ou seja, desde a didática escolar” (Psicólogo 2).

Dessa forma, a escola pode contribuir de forma significativa, promovendo um espaço em que os professores e as crianças possam dialogar e problematizar sobre os assuntos que envolvem o preconceito (Madureira, 2013). Na opinião do Psicólogo 1:

“E esses meninos? Quem conversa com eles? Quem chega para eles e fala: “olha, você está fazendo errado, você não pode fazer isso” A gente vem dessa criação patriarcal, né onde os distanciamentos dos laços familiares paternos é sempre muito grande. Temos que pensar que é na escola que eles começam a replicar o machismo deles. Então precisamos pensar também em projetos dentro dessas escolas para poder trabalhar, falar sobre machismo para homens.”

Na pesquisa realizada por Madureira e Branco (2015) com professores/as do Ensino Fundamental, foi observado que existe uma dificuldade em abordar assuntos relacionados às questões de gênero. Muitas vezes, ao tratar sobre essa temática, não é utilizada uma carga teórica e sim relatos de vivências pessoais dos professores/as. Nesse sentido, as autoras reforçam a importância de se incorporar efetivamente essas discussões sobre gênero, sexualidade e diversidade nos cursos de Licenciatura.

Na percepção dos psicólogos entrevistados na presente pesquisa, durante o período de graduação, a temática de masculinidade, gênero e violência contra as mulheres não foi muito abordada. Conforme evidencia o Psicólogo 1: *“É uma grande lacuna nos cursos de Psicologia. Na minha formação eu não tive contato com nenhum tipo de discussão sobre minorias.”* Entretanto, dois entrevistados percebem que atualmente *“Esse tema aumentou muito na fluência entre alguns profissionais.”*

Observa-se uma diferença entre a cobrança com relação ao mundo público (trabalho) e o mundo privado (relacionamento amoroso e familiar) das mulheres quando comparadas aos homens (Madureira & Branco, 2015; Piscitelli, 2009). Nesse sentido, é possível observar a desigualdade da cobrança nos dois contextos (Madureira & Branco, 2015). O contexto familiar e doméstico é visto como sendo responsabilidade das mulheres (Piscitelli, 2009), observando-se uma delimitação dos espaços destinados a serem ocupados por mulheres. Essa delimitação é decorrente da atribuição de características de comportamentos e temperamento esperados de cada gênero (Piscitelli, 2009). Assim, Madureira e Branco (2015) enfatizam a importância de se promover relações igualitárias entre homens e mulheres, não só na esfera pública, mas também na privada.

Nesse sentido, a diferença de cobrança direcionada às mulheres é evidenciada na percepção dos participantes Lucas e Frederico que participaram do grupo focal.

“O meu chefe é uma referência para mim. Pô, gosto muito dele, me dou bem com ele, mas ele é homem, sabe. Tipo, sempre tem essa questão. E aí, ele tem confiança. Aí ele faz o que quer. Às vezes, chega atrasado, tal, haha, enquanto no meu antigo estágio, a minha chefe era uma mulher, então tinha uma cobrança evidente em cima dela por fazer coisas corretas. Então, assim, de novo aquela questão da castração.”
(Lucas)

“(...) Na empresa onde eu trabalho, (...) a fundadora é mulher (...) e ela tem um sócio, homem, que, pô, super gente boa, assim. Um cara super aberto, super cabeça aberta, mas, assim, quando ele tá aqui em Brasília, dá para você perceber a diferença no ambiente, assim, saca. É uma parada muito doida, assim. Eu acho que é uma coisa que tem que ser, né, pelo menos discutida” (Frederico)

De acordo com Silva (2014), “a masculinidade hegemônica requer que o homem (...) deve sempre exercer sua autoridade; e tem com seus bens um zelo possessivo, que se estende a todos aqueles a ele subordinado (Silva, 2014, p. 2815).” Nesse sentido, os homens são socialmente vistos como se tivessem uma certa superioridade e maior poder na relação com os outros (Holanda, 2020, Louro, 2021; Oliveira, 1998; Silva, 2014; Yoshioka, 2018). Nos relacionamentos entre homens e mulheres, quando o conflito surge, o sexismo emerge e, dependendo da situação, o homem pode vir a demonstrar comportamentos agressivos. O Psicólogo 2 propõe uma alternativa para que se tenha relações mais igualitárias entre os gêneros:

“O que pode ser feito de forma ideológica seria tentar trazer o homem para ter uma vida mais interessante, diversificada e que possa se sentir seguro de estar naquele relacionamento e ser frustrado por aquela mulher.”

“Outra coisa que eu acho legal de falar também é sobre diversificar a forma de estar no mundo. Muitas vezes, esses homens acabam abusando do álcool ou de alguma droga, não que eu seja contra esse consumo. Mas muitas vezes, a única diversão desse cara, dependendo do lugar onde ele mora, é fazer o uso de álcool. Isso acaba sendo muito limitado. Se ele tivesse outras formas até de estar com a esposa, com a família, se abrisse os olhos para lidar com a própria dor. Porque às vezes, ele está meio nervoso e bebe para esquecer.”

Os participantes do grupo focal destacaram a existência de novas possibilidades na direção de construir novos significados e concepções vivenciadas na cultura sobre outras formas de se vivenciar a masculinidade.

Essas formas que influenciam como os homens devem agir, pensar e se relacionar fazem partes de padrões culturais (Silva, 2014), existindo a possibilidade de agir de maneira distinta da masculinidade hegemônica com o objetivo de se ter vivências mais harmoniosas consigo mesmo, com as mulheres e com outros homens.

“Uma coisa que a gente pode construir, né, porque ele não sabe, eu não sei, não tem uma resposta certa. A gente pode definir o que que é isso aqui agora, né; ou não definir. Às vezes, não definir também é uma resposta, né. Então, eu acho que faz parte dessa ideia de desconstruir o homem blasé, o homem que não sente.” (João)

“Eu acho que tem várias formas de ser homem. (...) Em algum ritmo os homens têm ido mais à terapia” (Psicólogo 2)

Nesse sentido, os participantes do grupo focal (homens jovens) e das entrevistas individuais (psicólogos) expressaram suas opiniões sobre existirem diversas formas de exercer a masculinidade (Yoshioka, 2018; Holanda, 2020; Welzer-Lang, 2000; Oliveira, 1998).

A partir da realização da pesquisa, foi possível perceber a importância de se criar espaços em que os homens possam compartilhar suas vulnerabilidades sem serem julgados pela sociedade (Holanda, 2020; Yoshioka, 2018). O psicólogo pode contribuir muito proporcionando a condução de grupos terapêuticos e incentivando a discussão sobre essas temáticas.

Considerações Finais

A presente pesquisa teve como objetivo geral analisar, com base na percepção de homens jovens, a relação entre a masculinidade hegemônica e a violência contra as mulheres no Brasil. Primeiramente, foi realizado um encontro de grupo focal com homens jovens e um dos requisitos de participação era estar matriculado em um curso do ensino superior. Em seguida, foi realizada duas entrevistas individuais semiestruturadas com psicólogos clínicos.

Apesar da quantidade de pesquisas que falam sobre essa temática estar aumentando, ainda são necessários outros estudos que contemplem a questão da masculinidade. Como podemos perceber, a masculinidade hegemônica se relaciona com a prática de atos violentos contra as mulheres, outros homens e com ele próprio.

O número de casos de violência contra as mulheres de acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, demonstra que no ano de 2021, houve 2.451 feminicídios no país. O Brasil está passando por um cenário em que se observa um constante aumento de mulheres sendo mortas simplesmente pelo fato de pertencerem ao gênero feminino, ou seja, casos de feminicídio.

Conforme foi discutido durante o presente trabalho, o exercício da masculinidade hegemônica é pautado no sexismo e na homofobia. Esses tipos de preconceitos podem ser observados em todos os lugares que envolvem o convívio em sociedade. De acordo com as percepções dos psicólogos clínicos entrevistados, é essencial trabalhar sobre essas temáticas desde o início do período escolar das crianças, para que desde novas elas possam entender e buscar a desconstrução dos preconceitos.

Além de se abordar questões de gênero nas escolas, os resultados demonstraram também a importância de ser abordado durante o período de graduação do curso de Psicologia. Os psicólogos podem promover e incentivar a criação de um espaço de

acolhimento para as mulheres que foram vítimas de violência e para os homens que estão inseridos em uma cultura que cobra a expressão da masculinidade hegemônica.

Os resultados demonstraram que os participantes percebem uma cobrança feita pela sociedade em seguirem os padrões da masculinidade hegemônica. São cobrados para conquistarem sucesso profissional e sexual e não demonstrarem vulnerabilidades, se mostrando como pessoas muito fortes. Além disso, percebem em contextos masculinos a presença de atos que demonstram maior índice de violência. Outro resultado importante é de que existem, sim, outras formas de vivenciar as masculinidades que não só com as características que compõem a masculinidade hegemônica.

Portanto, acredito que só pelo fato de terem aceitado participar da pesquisa, é um indicador de que os participantes estão abertos a pensarem e discutirem sobre questões de gênero. Caso contrário, eles não teriam aceitado participar da pesquisa. Para concluir, os resultados indicaram a necessidade de serem criados espaços em que eles possam falar sobre suas vivências.

A partir das entrevistas, foi possível perceber que as respostas indicaram, frequentemente, falas relacionadas ao autocentramento masculino. Mesmo que os roteiros de perguntas abordassem também questões relacionadas à violência contra as mulheres, os participantes falaram mais sobre suas visões individuais relacionadas à masculinidade do que sobre suas percepções sobre a violência contra as mulheres. Esse aspecto foi percebido tanto no grupo focal como nas entrevistas individuais realizadas.

Como sugestão para pesquisas futuras, seria interessante analisar a percepção de homens de diferentes classes sociais e com diferentes pertencimentos étnico-raciais, analisados com base em outras abordagens da Psicologia clínica, trazendo um maior aprofundamento e compreensão do tema.

Seria interessante também realizar outras pesquisas com o foco na Gestalt-terapia, analisando os ajustamentos disfuncionais associados à masculinidade hegemônica, na direção de promover discussões críticas sobre os problemas estruturais da sociedade brasileira. Além disso, pesquisas futuras poderiam focalizar os processos relativos às cristalizações culturais que podem vir a gerar sofrimento psíquico.

A investigação da masculinidade hegemônica a partir de diversas perspectivas possibilitará que a Psicologia siga sua trajetória de uma ciência comprometida com a sociedade no sentido de defender os direitos humanos, promovendo uma maior equidade nas relações estabelecidas, independente do contexto social.

Referências

- Aguiar, L. (2014). *Gestalt-Terapia com crianças*. São Paulo: Summus.
- Alvim, M. (2010). *A clínica da gestalt-terapia: experiência e criação*. Mosaico: estudos em Psicologia. Vol. IV, nº 1, 66-69
- Bauer, M. W., & Gaskell. (2015). *Pesquisa Qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. (Guareschi, Trad.) Petrópolis: Vozes.
- Borrillo, D. (2009). A Homofobia. Em T. Lionço, & D. (. Diniz, *Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio* (pp. 15-46). Brasília: LetrasLivres.
- Bourdieu, P. (2021). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Branco, A., & Madureira, A. F. (2008). Dialogical self in action: the emergence of self-positions among complex emotional and cultural dimensions. *Estudios de Psicología*, 29(3), 319-332.
- Brandão, C. (2005). O controle das emoções, o medo e a violência. Em A. B. Carvalho, & C. F. Brandão, *Introdução à Sociologia da Cultura: Max Weber e Nobert Elias* (pp. 57-72). São Paulo: Avercamp.
- Cardella, B. H. P. (2014). *Ajustamento criativo e hierarquia de valores ou necessidade*. Gestalt-terapia: conceitos fundamentais.p. 104- 130. Frazão e Fukumitsu
- Chauí, M. (2017). *Sobre a violência*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Connell, R. W., Messerschmidt, J. W., & Fernandes, F. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos feministas*, pp. 241-282.
- Falcão, R. (2007). *Interfaces entre dismorfia muscular e psicologia esportiva*. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae.
- Frazão, L. Fukumitsu, K. (2015). *Gestalt- terapia: a clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo*. P. 83- 102. Summus

- Gomes, R. M. (2007). Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. Em M. C. Minayo, *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 79-108). Petrópolis: Vozes.
- González Rey, F. L. (2011). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Cengage Learning.
- Henning-Geronasso, M., & Moré, C. (2015). Influência da religiosidade/espiritualidade no contexto psicoterapêutico. *Psicologia, ciência e profissão*, 35, pp. 711-725.
- Holanda, J. M. (2020). *A construção das identidades masculinas: o olhar de alunos do Ensino Médio*. Dissertação de Mestrado, Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Ciência da Educação e Saúde, Brasília.
- Junqueira, R. D. (2009). Homofobia nas escolas: um problema de todos. Em R. D. Junqueira, *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas* (pp. 13-51). Brasília: Ministério de Educação - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO.
- Kimmel, M. (2016). Masculinidade como homofobia: Medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. *Equatorial*, 3, pp. 97-124.
- Laraia, R. (2002). *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar. Loponte, L. (2002). Sexualidade, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. *Estudos Feministas*, 10(2), pp. 283-300. Fonte: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000200002&lng=en&nrm=iso&tlng=p
- Louro, G. L. (2021). *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Louzeiro, T. C. P. (2018). *As interfaces entre a masculinidade e a violência contra mulher: uma perspectiva Gestáltica*. Monografia Universidade Federal do Maranhão.

- Machado, L. Z. (2001). *Masculinidade e Violências. Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea*. Brasília: UNB.
- Madureira, A. (2010). Gênero, sexualidade e processos identitários na sociedade brasileira: tradição e modernidade em conflito. Em A. L. Galinkin, & C. Santos, *Gênero e Psicologia: interfaces* (pp. 31-63). Brasília: Tecnopolik.
- Madureira, A. F. (2013). Psicologia Escolar na Contemporaneidade: construindo "pontes" entre a pesquisa e a intervenção. Em E. (. Tunes, *O fio tenso que une a Psicologia à Educação* (pp. 55-73). Brasília: UniCEUB. Fonte:
https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/4409/4/Web%20O%20FIO%20TENSO%20QUE%20UNE%20A%20PSICOLOGIA%20À%20EDUCAÇÃO_Elizabeth%20Tunes.pdf
- Madureira, A. F., & Branco, A. U. (2001). A pesquisa qualitativa em psicologia do desenvolvimento: questões epistemológicas e implicações metodológicas. *Temas em Psicologia*, 9(1), pp. 63-75. Fonte: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v9n1/v9n1a07.pdf>
- Madureira, A. F., & Branco, A. U. (2005). Construindo com o outro: uma perspectiva sociocultural construtivista do desenvolvimento humano. Em M. A. Dessen, & A. L. Costa Júnior, *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 90-109). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Madureira, A. F., & Branco, A. U. (2015). Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 23(3), pp. 577-591.
- Madureira, A. F., & Fonseca, J. V. (2020). A escola na prevenção da violência: transfobia em discussão. Em I. L. Fuhr, *Na escola e na vida cotidiana* (pp. 97-110). Curitiba: CRV.
- Madureira, A. F., & Kimmel, M. (2016). Masculinidade como homofobia: Medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. *Equatorial*, 3(4), pp. 97-124.

- Minayo, M. C. (2007). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade* (18 ed.). Petrópolis: Vozes.
- Minayo, M. C., & Souza, E. R. (1999). É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 4(1), pp. 7-23.
- Monteiro, F. (2012). *O papel do psicólogo no atendimento às vítimas e autores de violência doméstica*. Monografia, Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Brasília.
- Moreira, A. F., & Câmara, M. J. (2010). Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica. Em A. F. Moreira, & V. M. Caudau, *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas* (pp. 33-66). Rio de Janeiro: Vozes.
- Myers, D. (2014). Preconceito: desgostar dos outros. Em D. G. Myers, *Psicologia Social* (10 ed., pp. 246-278). Porto Alegre: AMGH.
- Perls, F. Hefferline, R. Goodman, P. (1997). *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus. Piscitelli, A. (2009). *Gênero: a história de um conceito*. In: ALMEIDA, Heloísa. B.; SZWAKO, José E. Diferenças, igualdade. São Paulo: Berlendis & Vertecchia.
- Ribeiro, J. (1997). *O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, V. (2016). *A Psicologia Clínica e a Prevenção das Doenças da Beleza na Sociedade Brasileira Contemporânea*. Monografia, Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Brasília.
- Rocha, S. L. (2005). Gestalt e Relações de Gênero: a emergência de novas masculinidades e feminilidades nos modos de ser homem e ser mulher. Em L. M. Frazão, & S. L. Rocha, *Gestalt e Gênero: Configurações do masculino e feminino na contemporaneidade* (pp. 203-243). Campinas: Livro Pleno.
- Rosa, L. C. (2017). *A LGBTfobia como Fenômeno Cultural e seus Impactos Psíquicos*.

Monografia, Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Brasília.

Silva, J. R. T. (2014). *Masculinidade e Violência: formação da identidade masculina e compreensão da violência praticada pelo homem*. Universidade Federal Rural do Pernambuco. Recife- PE

Valsiner, J. (2012). *Fundamentos da Psicologia Cultural: mundos da mente, mundos da vida*. (A. C. Bastos, Trad.) Porto Alegre: Artmed.

Wang, M. L. Jablonski, B. Magalhães, M. S. (2006). *Identidades Masculinas: limites e possibilidades*.

Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, 9(2), pp. 460-482.

Windmöller, N. (2016). *Construção das masculinidades em depressão: revisão de literaturae análise de casos*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Brasília.

Yontef, G. M. (1998). *Processo, diálogo e Awareness: Ensaio em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.

Yoshioka, B. (2018). *Ressignificando as representações acerca das masculinidades: uma ação preventiva em relação à violência*. Monografia, Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Brasília.

Zanello, V. (2010). Mulheres e loucura: questões de gênero para a psicologia clínica. Em C. Stevens, K. C. Brasil, T. M. Almeida, & V. (. Zanello, *Gênero e feminismos: convergências (in)disciplinares* (pp. 307-320). Brasília: ExLibris.

Zanello, V. (2018). *Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação*. Curitiba: Appris

Anexos

Anexo A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

“As Masculinidades Hegemônicas e a Violência contra as Mulheres na Sociedade Brasileira a partir da Perspectiva de Homens Jovens e de Psicólogos Clínicos”

Instituição das pesquisadoras: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Pesquisadora responsável: Profa. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira

Pesquisadora assistente: Lorena Gosendo Noletto

Você está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a expressar a sua concordância.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo deste estudo é o de analisar as relações entre as masculinidades hegemônicas e a violência contra as mulheres no Brasil, com base na percepção de homens.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por corresponder ao perfil de participante delimitado para essa pesquisa.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em participar de um grupo focal virtual sobre o tema focalizado na pesquisa.
- O procedimento consiste em um encontro virtual, com a apresentação de vídeos previamente selecionados. O encontro será gravado em áudio, com o seu consentimento, para facilitar o posterior trabalho de análise.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui baixos riscos que são inerentes ao procedimento de entrevista grupal (grupo focal).
- Medidas preventivas serão tomadas durante o encontro e a apresentação dos vídeos para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será esclarecido que não há respostas certas ou erradas em relação às perguntas que serão apresentadas e que é esperado que o participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Com sua participação nesta pesquisa você poderá contribuir com a construção de uma compreensão mais aprofundada acerca do tema investigado.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com uma das pesquisadoras responsáveis.

- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelas pesquisadoras e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (gravação em áudio do encontro do grupo focal) ficará guardado sob a responsabilidade da pesquisadora assistente, Lorena Noletto, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e será destruído após a pesquisa.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entrem contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Brasília, de _____ de _____.

Participante

Ana Flávia do Amaral Madureira
Celular: (61) 99658-7755, E-mail: ana.madureira@ceub.edu.br

Lorena Gosendo Noletto
Celular: 98270-2222, E-mail: lorena.gnoletto@sempreceub.com

Endereço dos(as) responsável(is) pela

pesquisa: Instituição: Centro Universitário de Brasília –

UniCEUB Endereço: SEPN 707/907, Campus do

UniCEUB Bairro: Asa Norte

Anexo B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

“As Masculinidades Hegemônicas e a Violência contra as Mulheres na Sociedade Brasileira a partir da Perspectiva de Homens Jovens e de Psicólogos Clínicos

Instituição dos(as) pesquisadores(as): Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Pesquisadora responsável: Profa. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira

Pesquisador(a) assistente: Lorena Gosendo Noletto

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a expressar a sua concordância.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

O objetivo deste estudo é o de analisar as relações entre as masculinidades hegemônicas e a violência contra as mulheres no Brasil, com base na percepção de homens jovens.

Você está sendo convidado a participar exatamente por corresponder ao perfil de participante delimitado para essa pesquisa.

Procedimentos do estudo

Sua participação consiste em participar de uma entrevista individual virtual sobre o tema focalizado na pesquisa.

O procedimento consiste em um encontro virtual individual. A entrevista será gravada em áudio, com o seu consentimento, para facilitar o posterior trabalho de análise.

Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.

Riscos e benefícios

Este estudo possui baixos riscos que são inerentes ao procedimento de entrevista.

Medidas preventivas serão tomadas durante a entrevista para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será esclarecido que não há respostas certas ou erradas em relação às perguntas que serão apresentadas e que é esperado que o(a) participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais.

Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.

Com sua participação nesta pesquisa você poderá contribuir com a construção de uma compreensão mais aprofundada acerca do tema investigado.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.

Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.

Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (gravação em áudio da entrevista) ficará guardado sob a responsabilidade da pesquisadora assistente, Lorena Noleto, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e será destruído após a pesquisa.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Brasília, de _____ de _____.

Participante

Ana Flávia do Amaral Madureira

Celular: (61) 99658-7755, E-mail: ana.madureira@ceub.edu.br

Lorena Gosendo Noleto

Celular: 98270-2222, E-mail: lorena.gnoleto@sempreceub.com

Endereço dos(as) responsável(is) pela

pesquisa: Instituição: Centro Universitário de Brasília –

UniCEUB Endereço: SEPN 707/907, Campus do

UniCEUB Bairro: Asa Norte

Anexo C

Roteiro do grupo

Primeira etapa do grupo focal

No primeiro momento, a pesquisadora irá se apresentar aos participantes e irá informá-los sobre os objetivos da pesquisa. Além disso, será apresentado as regras de convivência e solicitado que os participantes se sintam à vontade para responder as questões solicitadas, não havendo nenhuma resposta considerada como certa ou errada.

Segunda etapa

Será apresentado o vídeo “O silêncio dos Homens” com a duração de aproximadamente 5 minutos. Em seguida, eles serão questionados sobre as seguintes perguntas:

- 1) Vocês se identificaram com as falas mostradas, ou não? Por quê?
- 2) Como é ser homem para você?
- 3) Vocês acham que no dia a dia de vocês, a violência está presente, ou não?

Por quê?

Após as respostas, eles assistirão o vídeo “Precisamos falar com homens?” No próximo momento, serão questionados sobre:

- 1) Vocês acham que o tema da masculinidade deve ser mais abordado, ou não?

Por quê?

2) Em algum momento da vida, vocês já quiseram ter feito alguma coisa e não fizeram por medo do julgamento da sociedade? (Se sim, como foi?)

3) O que vocês acham do número crescente de casos de violência contra as mulheres no Brasil?

- 4) Na opinião de vocês, o que poderia ser feito para mudar esse cenário

Encerramento

A pesquisadora irá agradecer a presença e colaboração dos participantes e os questionará sobre as suas opiniões sobre o encontro e os temas que foram discutidos. Além disso, será reforçado que todas as informações apresentadas serão sigilosas e eles terão os nomes modificados na pesquisa, com o intuito de garantir o sigilo em relação às suas identidades pessoais.

Anexo D

Roteiro de entrevista individual

- 1) Inicialmente, eu gostaria que você falasse um pouco sobre a sua atuação profissional na Psicologia Clínica.
- 2) Em sua opinião, como a psicologia, enquanto ciência e campo de atuação profissional, pode contribuir com a prevenção da violência contra as mulheres?
- 3) Quais estratégias são utilizadas para trabalhar com as demandas no atendimento de mulheres que foram vítimas de violência?
- 4) Você acha que na nossa sociedade há expectativas diferentes em relação aos homens e às mulheres?
- 5) Você já passou por situações em que o/a cliente relatou situações que te impactaram com relação às suas crenças pessoais? Como você lidou com essa situação?
- 6) Na sua formação no curso de Psicologia, o tema de violência contra as mulheres foi abordado, ou não? Se sim, como?
- 7) Na sua opinião, o que deveria ser feito para mudar o quadro de violência contra mulheres no Brasil?
- 8) Você gostaria de acrescentar algo?

Anexo E

<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> <div style="text-align: center;"> <p>CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB</p> </div> <div style="text-align: right;">  </div> </div>								
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP								
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA								
<p>Título da Pesquisa: As Masculinidades Hegemônicas e a Violência contra as Mulheres na Sociedade Brasileira a partir da Perspectiva de Homens Jovens e de Psicólogos Clínicos</p> <p>Pesquisador: Ana Flávia do Amaral Madureira</p> <p>Área Temática:</p> <p>Versão: 1</p> <p>CAAE: 57109222.3.0000.0023</p> <p>Instituição Proponente: Centro Universitário de Brasília - UNICEUB</p> <p>Patrocinador Principal: Financiamento Próprio</p>								
DADOS DO PARECER								
<p>Número do Parecer: 5.373.174</p> <p>Apresentação do Projeto:</p> <p>As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa e/ou do Projeto Detalhado.</p> <p>O projeto de pesquisa observado indica que os participantes serão homens com curso superior completo ou cursando, na faixa etária entre 18 e 30 anos, e psicólogos clínicos.</p> <p>A proposta é que haja utilização de uma "metodologia qualitativa de investigação mediante a realização de de uma sessão virtual de grupo focal com homens jovens e entrevistas individuais semiestruturadas virtuais com psicólogos clínicos". Há uma previsão da participação de oito voluntários.</p> <p>Como estratégia, no grupo focal, devem ser utilizados dois trechos de vídeos do filme "O silêncio dos homens" para estimular reflexões por parte dos voluntários sobre as temáticas das "masculinidades hegemônicas e a violência contra as mulheres na sociedade brasileira".</p> <p>A coleta prevê ainda a realização de duas entrevistas individuais semiestruturadas virtuais com psicólogos clínicos.</p>								
<table style="width: 100%; border: none;"> <tr> <td style="border: none;">Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar</td> <td style="border: none;">CEP: 70.790-075</td> </tr> <tr> <td style="border: none;">Bairro: Setor Universitário</td> <td style="border: none;">Município: BRASILIA</td> </tr> <tr> <td style="border: none;">UF: DF</td> <td style="border: none;">Telefone: (61)3966-1511</td> </tr> <tr> <td colspan="2" style="border: none; text-align: right;">E-mail: cep.uniceub@uniceub.br</td> </tr> </table>	Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar	CEP: 70.790-075	Bairro: Setor Universitário	Município: BRASILIA	UF: DF	Telefone: (61)3966-1511	E-mail: cep.uniceub@uniceub.br	
Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar	CEP: 70.790-075							
Bairro: Setor Universitário	Município: BRASILIA							
UF: DF	Telefone: (61)3966-1511							
E-mail: cep.uniceub@uniceub.br								

Figura 1: *Parecer consubstanciado do CEP*

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 5.373.174

Após a realização da sessão de grupo focal e das entrevistas virtuais semiestruturadas individuais, as mesmas serão transcritas e interpretadas a partir de categorias analíticas temáticas, construídas após a transcrição.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo de pesquisa apresentado é o seguinte: "analisar as relações entre as masculinidades hegemônicas e a violência contra as mulheres no Brasil, com base na percepção de homens jovens".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisadora entende que os riscos são "baixos" e "inerentes ao procedimento de entrevista (individual e grupal)".

Para minimizar riscos ou incômodos, é esclarecido que "medidas preventivas durante as entrevistas virtuais", incluindo a orientação de que "não existem respostas certas ou respostas erradas e que é esperado que os participantes respondam de acordo com as suas opiniões pessoais".

Como benefício, é apresentado aos participantes que eles vão colaborar "com o desenvolvimento de uma compreensão mais aprofundada sobre a temática investigada".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa prevê um levantamento com dois grupos (ambos formados por homens), um de maiores de idade que tratará sobre percepções sobre a masculinidade, e no outro, com profissionais da psicologia, a fim de identificar como lidam, por exemplo, com a prevenção da violência de gênero.

Para o primeiro grupo, são sete questionamentos, e condizentes com os objetivos de pesquisa. Tratam, por exemplo, de exibir dois vídeos, a fim de promover reflexões sobre masculinidade e violência. A primeira pergunta é a seguinte: "Vocês se identificaram com as falas mostradas, ou não? Por quê?" e "(3) O que vocês acham do número crescente de casos de violência contra as mulheres no Brasil?".

Para o segundo grupo, de psicólogos, e que são, em tese, menos vulneráveis, há questões de

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 70.790-075
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

Figura 2: Continuação do parecer substanciado do CE

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 5.373.174

cnho pessoal relacionados às atividades profissionais, tais como (1) "Quais estratégias são utilizadas para trabalhar com as demandas no atendimento de mulheres que foram vítimas de violência?", "(4) Você acha que na nossa sociedade há expectativas diferentes em relação aos homens e às mulheres?"; e "(5) Você já passou por situações em que o/a cliente relatou situações que te impactaram com relação às suas crenças pessoais? Como você lidou com essa situação?".

A divisão de questionamentos prevista organiza-se em prol do interesse de pesquisa, e com os benefícios esclarecidos.

No anexo do projeto detalhado, há um cuidado de apresentar dois modelos de TCLE voltados para os dois públicos participantes de interesse.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os documentos obrigatórios:

- 1) TCLE (no projeto detalhado, dois modelos distintos do documento voltados para os públicos);
- 2) Folha de Rosto assinada;
- 3) Projeto postado na Plataforma BR; e
- 4) Projeto detalhado com os instrumentos de pesquisa.

Recomendações:

O CEP-UniCEUB ressalta a necessidade de desenvolvimento da pesquisa, de acordo com o protocolo avaliado e aprovado, bem como, atenção às diretrizes éticas nacionais quanto ao às Resoluções nº 446/12 e nº 510/16 CNS/MS concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto:

A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

I - apresentar o protocolo devidamente instruído ao sistema CEP/Conep, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, conforme definido em resolução específica de tipificação e gradação de risco;

II - desenvolver o projeto conforme delineado;

III - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;

IV - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela Conep a qualquer momento; manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;

V - encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar
Bairro: Setor Universitário CEP: 70.790-075
UF: DF Município: BRASÍLIA

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB**



Continuação do Parecer: 5.373.174

pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;

VI - elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;

VII - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança, interrupção ou a não publicação dos resultados.

Obs.: Ao final da pesquisa enviar Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A partir da documentação apresentada, o projeto de pesquisa traz as condições de aprovação para a continuidade da coleta.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo previamente avaliado, com parecer n. 5.372.970/22, tendo sido homologado na 5ª Reunião Ordinária do CEP-UniCEUB do ano, em 08 de abril de 2022.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1914523.pdf	23/03/2022 17:01:26		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_monografia_lorena.pdf	23/03/2022 17:00:28	LORENA GOSENDO NOLETO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_monografia.pdf	23/03/2022 16:59:26	LORENA GOSENDO NOLETO	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	23/03/2022 16:47:37	LORENA GOSENDO NOLETO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 70.790-075
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 5.373.174

BRASILIA, 27 de Abril de 2022

Assinado por:
Marilia de Queiroz Dias Jacome
(Coordenador(a))

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br